

ANÁLISE DO MERCADO DO AÇO 2020



SICETEL

Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação
e Laminação de Metais Ferrosos



ABIMETAL

Associação Brasileira da Indústria
Processadora de Aço

Há cerca de um ano, tive a honra do convite e o agradecimento da confiança dos membros, e amigos, do Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos – Sicetel e da Associação Brasileira da Indústria Processadora de Aço – Abimetal, para presidir as duas entidades.

Os desafios nunca foram simples. Ádua é a missão de trabalhar pela afirmação e fortalecimento de um setor que se posiciona em condição intermediária em uma cadeia que, de um lado, constrói vínculos com gigantes do setor siderúrgico e, de outro, alimenta relações com segmentos da construção civil, automotivo e eletroeletrônico, entre outros.

Não bastassem os desafios internos ao setor, enfrentamos há décadas progressiva desindustrialização da economia. Do auge de uma participação de 21,8% do PIB, em 1985, a indústria de transformação brasileira não alcança hoje em dia representatividade superior a 10% do PIB. Reflexo de políticas econômicas equivocadas, da ausência de planos consistentes que direcionassem esforços e recursos para modernização tecnológica e reafirmação do papel exportador da indústria, bem como da inação de nossos políticos em Brasília na promoção de reformas estruturais em prol da produtividade e competitividade, vivenciamos o sucateamento e o retrocesso do parque industrial brasileiro.

Em meio a essas dificuldades, com lento retorno após a maior recessão da história republicana do país, em que o PIB encolheu 7,2% no acumulado de 2015/16, defrontamo-nos com uma crise de saúde em escala mundial; inigualável a situações anteriores. A pandemia do Sars-cov-19 pôs o mundo “de joelhos”, fez aflorar desigualdades socioeconômicas em várias regiões do planeta, deve redefinir, em parte, o mapa mundi da cadeia de suprimentos e entrará para os anais da história do capitalismo moderno como sendo responsável pela maior, ainda que curta, recessão do último século.

Projeções de organismos multilaterais, como Banco Mundial, mostram que o PIB mundial deverá recuar 5,2% em 2020 e apresentar crescimento de 4,2% em 2021. Para o Brasil, as projeções revisadas indicam queda de 5,4% em 2020 e expansão de 3,0% em 2021. Notoriamente, o país terá contração ligeiramente mais forte do que a média mundial, mas recuperação muito aquém do restante do mundo. Para uma nação que ainda precisa avançar na solução de suas mazelas sociais, carece de pesados investimentos em infraestrutura e ampliação da cobertura em educação e saúde, não deixam de ser decepcionantes os resultados projetados.



A COVID-19 chegou ao país quando ainda enfrentávamos o rescaldo da crise de 2014-16. A recuperação da economia, como sabemos, manteve-se fraca desde o pico da recessão, com crescimento real do PIB de 1,3% em 2017 e 2018 e 1,1% em 2019. Segundo estudos do Banco Mundial, quando a pandemia atingiu o Brasil, a renda dos 40% mais pobres permanecia abaixo do nível anterior à crise.

Para enfrentar o problema sanitário e de saúde, com repercussões para a seara econômica, o governo implementou medidas emergenciais de natureza econômica, social e de saúde, visando a reduzir a propagação do vírus, limitar o seu impacto na capacidade do sistema público de saúde, impedir que houvesse rompimento dos elos das cadeias produtivas e refrear a possibilidade de que milhares de brasileiros migrassem para linha de pobreza.

Os esforços governamentais, indubitavelmente, tiveram certo êxito, a despeito da recessão prevista para 2020. A queda da ribanceira seria mais profundo não fossem as ações do poder público para postergar o pagamento de tributos, autorizar suspensão de contratos e redução de jornada e salários, permitir a interrupção dos pagamentos ao BNDES (stand still) e oferecer linhas de crédito, com menos burocracia, às pequenas e médias empresas. Além disso, não fosse o auxílio emergencial, conhecido popularmente como coronavoucher, que atendeu cerca de 64 milhões de brasileiros, a crise social assumiria proporções inimagináveis. O custo dessa ação está estimado em R\$ 713,4 bilhões (10,4% do PIB). Apesar do aumento da taxa de desemprego, 14,4% em setembro/20 (PNAD COVID-19), a pobreza tende a encolher em 2020, já que os valores concedidos (R\$ 600,00 na primeira fase e R\$ 300,00 na segunda), segundo agências internacionais, são suficientes para que milhares de brasileiros passem a usufruir de condição de vida superior à que estão habituados.

Ao evitar que um desastre maior ocorresse, o governo não afastou velhas e novas ameaças. A pandemia acrescentou incertezas à estrutura das políticas macroeconômicas, especialmente no cenário fiscal, cujos riscos exigem consolidação fiscal e adoção de reformas estruturais no decorrer dos próximos anos. O Brasil deve encerrar 2020 com um déficit primário da ordem de 12% do PIB e uma relação dívida bruta/PIB próxima a 100% do PIB. Portanto, o que já era grave se tornou dramático.



Aprofundar as reformas pelo lado do gasto – reforma administrativa e PEC emergencial, com a regulamentação dos gatilhos que devem ser acionados no caso do descumprimento do teto de gastos – permitirá que se conclua um ciclo que foi iniciado pelo estabelecimento da regra do teto, em 2018, e a reforma da previdência em 2019. A afirmação de uma trajetória sustentável para o gasto público, sem riscos de default, é o que manterá baixo o binômio juros-inflação. Isto não significa que a reforma tributária deva ser abandonada. Ao contrário, ela é primordial para que se melhore o ambiente de negócios no país e as nossas empresas possam ter competitividade no contexto internacional.

No comércio internacional, em que pesem os riscos de que a pandemia acirre a adoção de medidas protecionistas, temos um governo extremamente preocupado em incentivar a simples diminuição de alíquotas de importação, na maioria das vezes unilateralmente, com o argumento de incentivar a integração do Brasil à economia global. Mesmo sob demonstrações efusivas de que não teremos ganho algum, o governo brasileiro insiste em fechar um acordo comercial com a Coreia do Sul, notória pelos processos antidumping que acumula com tantos outros países. Não custa lembrar, como temos insistido, que a direção é, antes de tudo, eliminar os obstáculos que travam a competitividade da nossa indústria do “portão para fora”.

A taxa de câmbio mais competitiva, associada aos riscos impostos pela pandemia em se ter uma cadeia de fornecedores longínquos, deverá permitir ganharmos terreno na corrente internacional de comércio, principalmente em commodities agrícolas, minerais e proteína animal. É possível que as exportações de manufaturados cresçam, mas enfrentamos limitações decorrentes do atraso tecnológico. Por sua vez, a mega desvalorização cambial em 2020, que alcançou quase 40% até o início de outubro, trouxe desafios importantes, especialmente no tocante ao abastecimento e à elevação de preços de insumos intermediários e matérias-primas. O risco aqui se coloca do lado da oferta.

O espaço fiscal limitado e o bônus demográfico decrescente não permitem titubeio. Precisamos acelerar o aumento da produtividade fabril. Decisão fundamental para garantirmos crescimento econômico sustentável, evitando assim o chamado “vôo de galinha”. Nesse sentido, alguns passos já foram dados, como o novo marco do saneamento. O governo pretende aprovar novas leis para os setores de energia, cabotagem, telecomunicações e ferrovias e planeja abrir mercados para a participação do setor privado por meio de concessões e parcerias público-privadas. Se haverá tempo hábil para essa gestão e disposição do Congresso Nacional, não temos como prever.



Envolto aos problemas acumulados, aflora a preocupação de que o encerramento do benefício emergencial possa travar o consumo das famílias e, conseqüentemente, a recuperação da economia. Após vigorosa retomada do comércio e da indústria, resta ao setor de serviços mostrar ímpeto pró-crescimento. É o que se vislumbra para 2021, quando a existência de vacina(s) estimular os indivíduos a frequentar espaços públicos novamente. De todo modo, há interpretações que afirmam que a expressiva poupança (cerca de R\$ 900 bilhões) formada durante os meses de isolamento social e os sinais recentes de retomada do mercado de trabalho tendem a acomodar a redução do consumo dos beneficiários do programa do governo.

Um novo desafio se impõe no horizonte de curto e médio prazo e tem a ver com a questão ambiental. A orientação dos investimentos por princípios ESG (Environmental, Social and Governance) tem sido determinante na alocação dos portfólios. Por isso, recuperar flora e fauna, estabelecer políticas de diversidade e isonomia e seguir regras claras de compliance serão decisivas para o futuro da nossa economia.

Os desafios para 2021 são enormes. Seguiremos na luta!





CONTEXTO ECONÔMICO EM 2019



SICETEL



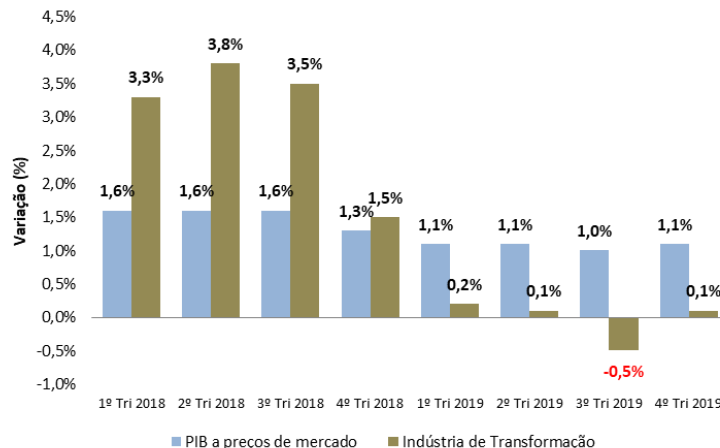
ABIMETAL

O início de 2019 foi marcado pela renovação da esperança na normalização da vida política e na retomada vigorosa do crescimento econômico. Após a “Grande Recessão” (2015/2016), período assim denominado na literatura econômica e marcado pela queda acumulada de 7,2% do PIB – absolutamente inédito na história da República do País –, a economia brasileira apresentou insignificante recuperação, registrando avanço acumulado de 2,6% do PIB em 2017 e 2018. Pior, o ano de 2019 acabou exibindo crescimento de 1,1%, inferior, portanto, à média dos dois anos anteriores (1,3%).

O gráfico apresenta informações sobre a variação do PIB Total e da Indústria de Transformação, acumulada nos últimos quatro trimestres, para os anos de 2018 e 2019. É notório que a indústria, após insuficiente recuperação nos anos pós-recessão, voltou a se enfraquecer em 2019.

Os ruídos na comunicação entre o Executivo Federal e os Poderes Legislativo e Judiciário intensificaram as incertezas e prejudicaram o desempenho da economia, em um ano cujas previsões iniciais apontavam crescimento de, ao menos, 2,5%.

Gráfico 1: PIB total e da indústria de transformação (taxa (%)) acumulada em quatro trimestres



O gráfico revela as oscilações do Índice de Incerteza da Economia Brasileira (IIE-Br). Os momentos em que aumentaram as tensões políticas entre o governo federal e os demais poderes, sobretudo com respeito a revelações de dificuldades para aprovação da reforma da previdência, foram os de maior crescimento do IIE-Br. Nota-se que após aprovação da reforma, em setembro, houve razoável declínio do indicador.

De fato, um dos pontos de maior rigidez para organização do quadro fiscal e, conseqüentemente, para recuperação mais intensa do PIB, residia na indefinição quanto ao momento de aprovação da reforma previdenciária. As previsões de mercado, que iniciaram o ano sinalizando crescimento de 2,5% do PIB, foram minguando e chegaram a 0,8% em agosto. A partir daí, com indícios claros da aprovação da reforma, voltaram a se recuperar.

Outros fatores macroeconômicos não representavam motivo de preocupação para o mercado. A gradual redução da taxa Selic (de 6,5% para 4,5% a.a. no decorrer de 2019), por conta do bom comportamento dos índices de preço, amparava-se no estabelecimento (e manutenção) do Teto de Gastos, no controle dos gastos previdenciários a partir da reforma, na redução dos encargos financeiros sobre a dívida pública e na limitação às despesas com salários e encargos dos servidores públicos.

Gráfico 2: Índice de incerteza da economia brasileira (IIE-Br: 2019)

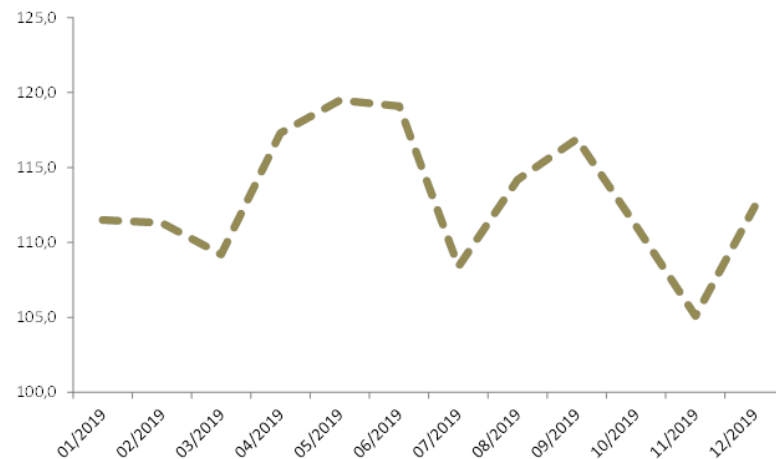


Gráfico 3: Meta de inflação, limites de bandas e taxa Selic (Em %)

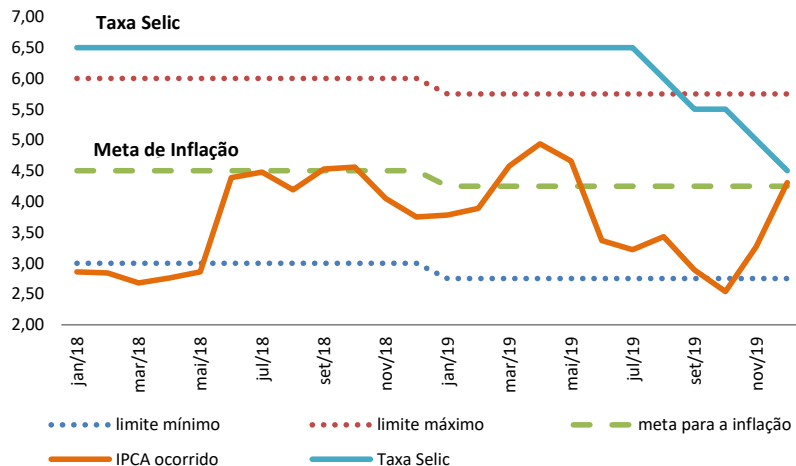
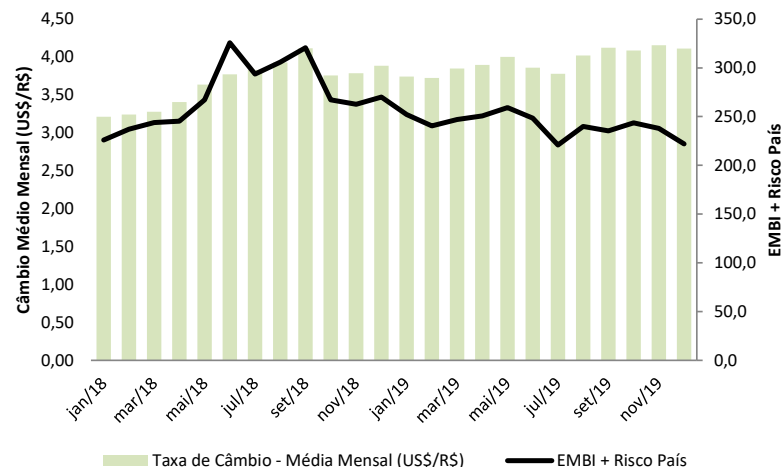


Gráfico 4: Câmbio médio mensal e risco-país (em US\$/R\$ e em pontos)



Igualmente favorável, a menor volatilidade do câmbio favoreceu a estabilidade macroeconômica e beneficiou as decisões privadas, evitando os sobressaltos e pressões vividas em 2020. Em 2018, a desvalorização nominal média da moeda brasileira alcançou 14,4%, com a taxa de câmbio encerrando o ano em R\$ 3,87. No ano seguinte, a desvalorização foi bem inferior, 7,9%, com o câmbio fechando em R\$ 4,03. Além disso, o risco-país passou de 252 pontos para 222 pontos no decorrer de 2019, sendo que havia alcançado 325,8 pontos em julho de 2018 (gráfico 4)

Hoje, sabemos que a aprovação da reforma da previdência foi um marco para o controle das contas públicas, o que reduziu o risco país e aumentou o apetite dos investidores. O fato de sua aprovação ter ocorrido apenas no quarto trimestre do ano atrapalhou, no entanto, o avanço dos investimentos, e consequentemente, da produção de bens e serviços.

Revisitando as contas nacionais, nota-se que o consumo das famílias cresceu 1,8%, em 2019 – ligeiramente acima do ritmo de variação do PIB (1,1%). Dada a relevância do consumo na composição do Produto (mais de 70%), o crescimento observado foi insuficiente para alavancar avanço mais expressivo da economia. Em um cenário de baixo crescimento econômico, o fato de a indústria operar com grande ociosidade, somado ao impacto trazido pela tragédia de Brumadinho para a indústria extrativa, dificultou a recuperação do mercado de trabalho, de modo que a taxa de desemprego pouco se modificou. Passou de 11,6% no quarto trimestre de 2018 para 11,0% no final de 2019.

O investimento cresceu (2,2%) com mais força que as despesas familiares, embora venha de períodos de péssimo desempenho. As exportações recuaram 2,5% em 2019 enquanto que as importações cresceram apenas 1,1%, devido à lenta recuperação do mercado interno. Em síntese, observou-se quatro anos de estagnação econômica combinada com episódios de recessão e de lenta recuperação.

No âmbito do setor siderúrgico, o ano foi aberto com a retaliação por parte da União Europeia às medidas protecionistas implementadas pelo governo americano. Em 2018, convém lembrar, o Presidente Trump aprovou tarifas globais de 25% para o aço e 10%, para o alumínio, sendo que Argentina e Brasil foram atendidos com acordo sobre cotas, estando fora do incremento das tarifas.

A União Europeia decidiu impor salvaguardas a 28 produtos de aço pelo período de três anos, com base em dois critérios:

- 1º) cota global a partir da média das importações nos últimos três anos;
- 2º) cotas específicas por exportadores, que sofrem sobretaxa de 25%, caso ultrapassem a cota.

Para o Brasil, apesar de prejudiciais, as limitações impostas pela União Europeia não impediram o crescimento da produção anual, como será visto na Seção II. Foram afetados sete produtos siderúrgicos exportados pelo Brasil para os países-membros: i) laminados planos a quente, ii) laminados planos a frio, iii) folhas metálicas, iv) chapas grossas, v) laminados planos de aço inoxidável, vi) perfis de aço e vii) outros tubos sem costura.

A UE estabeleceu cota específica para três produtos brasileiros (laminados planos a frio, folhas metálicas e perfis de aço), utilizando a média de importação de 2015-2017 e dando aumento de 5% a cada ano no volume importado. O que ultrapassar a cota sofre taxa de 25%. Para o primeiro produto, a cota inicial foi fixada em 168,2 mil toneladas a partir de julho/19, com aumento posterior do volume para 176,6 mil toneladas. Para o segundo produto, o Brasil poderia exportar 50,7 mil toneladas dentro da cota a partir de julho/19, por um ano, passando depois para 53,2 mil toneladas. Com relação aos perfis de aço, o volume exportado foi fixado em 22 mil toneladas, crescendo para 23,1 mil toneladas nos anos subsequentes.

Com relação às chapas grossas, o Brasil foi incluído em uma cota-mundo de 1,2 milhão de toneladas. Por fim, no caso de laminados a quente de aço inoxidável, o volume de importação fixado pela UE foi avaliado como sendo insuficiente pelas aciarias brasileiras.

Para além das ações protecionistas, outro problema que aflige o setor siderúrgico mundial reside no excesso de capacidade. Em 2019, para uma capacidade global de 2.410 milhões de toneladas, o consumo alcançou 1.889 milhões, restando cerca de 521 milhões de toneladas de capacidade adicional, sendo que somente a China respondeu por metade do excesso observado (Quadro I).

De acordo com a OCDE, devido aos investimentos que estão sendo realizados e na ausência de fechamento de unidades, a capacidade siderúrgica global poderá crescer de 4% a 5% entre 2019-2021. Está em curso a construção de usinas para produzir mais 88 milhões de toneladas de aço bruto por ano. Estimativas feitas pela organização indicam que a Ásia responderá sozinha por capacidade adicional de 53,4 milhões de toneladas. O Oriente Médio contribuirá com mais 25,1 milhões de toneladas e nos países do Nafta (EUA, México, Canadá), os projetos apontam para capacidade adicional de 4,5 milhões de toneladas. Na América Latina, o potencial é menor e deve representar 1,4 milhão de toneladas.

Em um cenário de baixo crescimento da economia mundial, agravado pela pandemia do coronavírus em 2020, é latente a ameaça de que se estabeleçam conflitos internacionais por meio de “guerra de preços” e adoção de novas medidas protecionistas.

Quadro 1: Excedente mundial de aço bruto
(em milhões de toneladas)

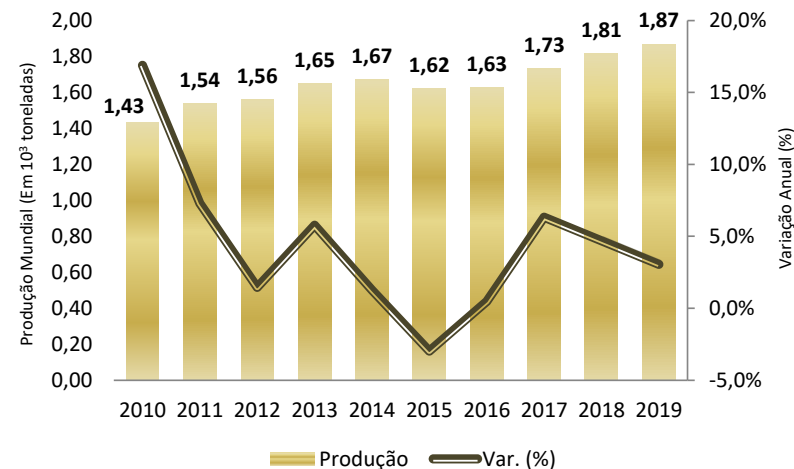


Fonte: IABr a partir de World Steel Association (WSA)

SIDERURGIA MUNDIAL

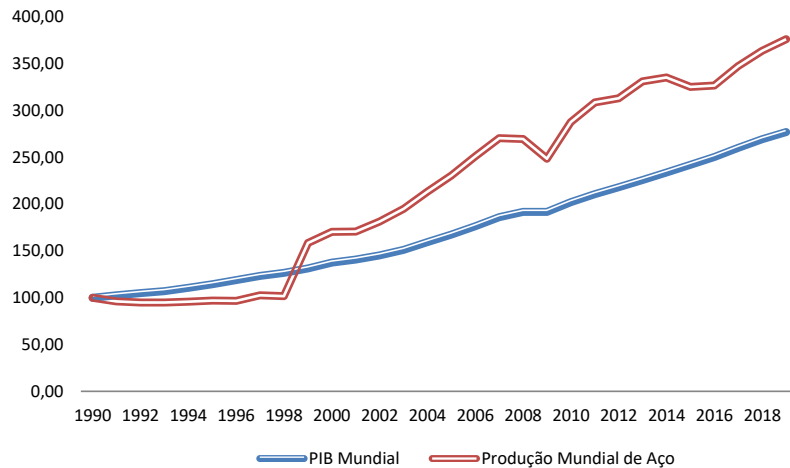
A produção mundial de aço atingiu 1.875,0 milhão de toneladas em 2019, apresentando crescimento de 3,4% em relação ao ano anterior. Foi o quarto ano consecutivo de crescimento da produção, embora a taxas decrescentes desde 2017. Malgrado os esforços governamentais e das entidades do setor siderúrgico para reduzir o excedente de aço no mundo, a situação pouco mudou, uma vez que o ritmo de crescimento da demanda permanece abaixo da incorporação de novas capacidades, particularmente na China, que tem respondido por cerca de 50% do excedente mundial. Em 2020, a pandemia do coronavírus intensificou as preocupações com o desequilíbrio entre oferta e demanda de aço.

Gráfico 5: Produção mundial de aço
(variação anual -%)



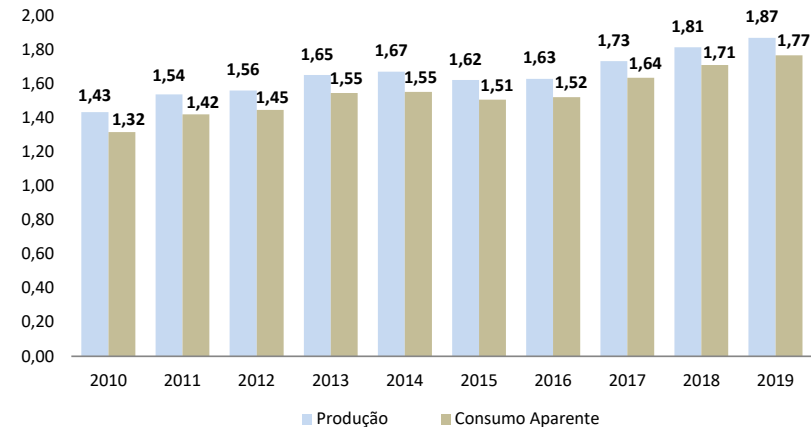
Fonte: WSA e IABr

Gráfico 6: PIB mundial e produção mundial de aço
(Número Índice – Base 1990 = 100)



Fonte: WSA e IABr

Gráfico 7: Produção mundial e consumo aparente de aço
(em milhões de toneladas)



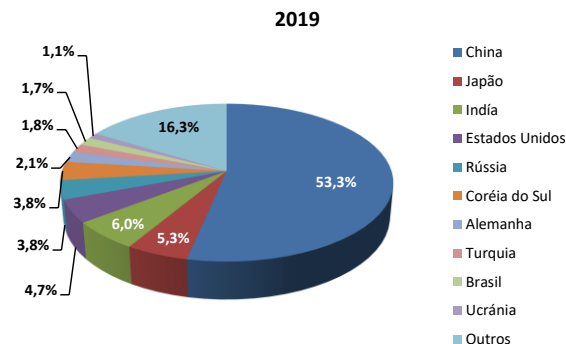
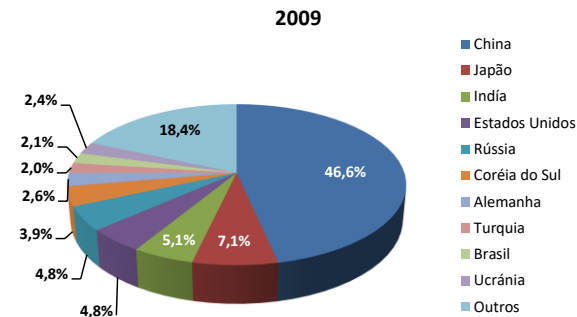
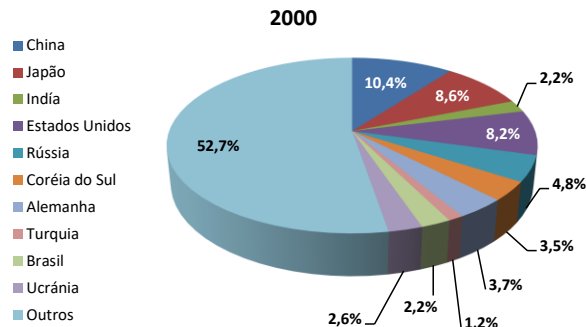
Fonte: WSA

Produção Mundial

A correlação entre a evolução do PIB mundial e a produção de aço denota (gráfico 6), sem margem para dúvidas, o desequilíbrio retratado anteriormente, que se intensifica a partir da primeira década de 2000 quando a China assume papel preponderante tanto do ponto de vista do crescimento mundial, como na expansão da capacidade produtiva da siderurgia em geral. Note-se ainda que durante a última década, em todos os anos, a produção agregada de aço permaneceu acima do consumo aparente mundial (gráfico 7).

Em 2000, antes de ingressar na Organização Mundial do Comércio (OMC), a China produzia aproximadamente 130 milhões de toneladas de aço por ano, volume equivalente ao dos Estados Unidos e inferior a do parque siderúrgico europeu. Em 20 anos, o país assumiu a liderança mundial

Gráficos 8: Ranking de participação dos países na produção mundial de aço 2000, 2009 e 2019
(Países: dez principais fabricantes)



Fonte: WSA e IABr

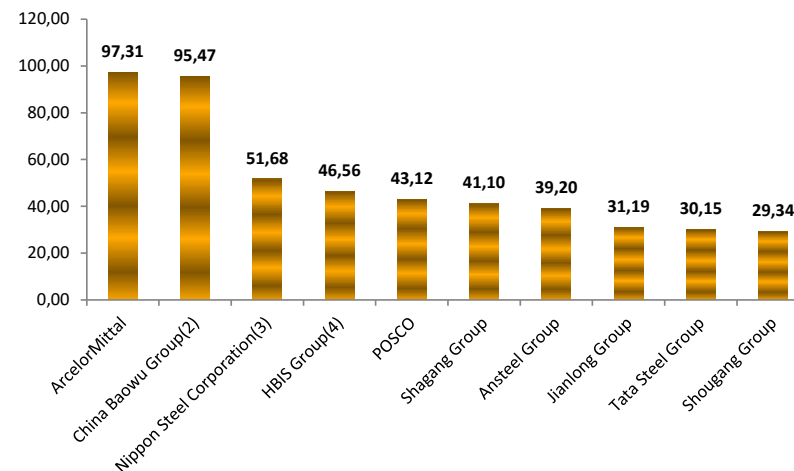
Um olhar mais atento para a produção de aço bruto, por regiões e países, revela que, liderada pela China e Índia, a Ásia tem sido hegemônica no crescimento da produção siderúrgica em comparação ao restante do mundo. Enquanto a região asiática apresentou crescimento médio anual (CARG) de 3,9%, entre 2010 e 2019, a produção de aço nas regiões do CIS e União Europeia + Turquia, encolheram, em média, 0,75% e 0,48% ao ano, respectivamente, e a produção na América do Norte avançou menos de 1,0% ao ano. No caso da América do Sul, como será destacado à frente, houve crescimento médio anual de 0,31% para o período em tela, mas com volumes que são inexpressivos frente ao que se observa em outras regiões do mundo.

Quadro 2: Produção mundial de aço bruto
Por blocos regionais e países selecionados (em mil toneladas)
(taxa de crescimento médio anual – CARG (%))

Regiões/Países	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	CARG (%)
Ásia	918.450	995.475	1.027.114	1.123.680	1.140.987	1.114.224	1.125.522	1.205.487	1.278.002	1.342.300	3,87%
China	638.743	701.968	731.040	822.000	822.306	803.825	807.609	870.855	928.264	996.300	4,55%
Japão	109.599	107.601	107.232	110.595	110.666	105.134	104.775	104.661	104.319	99.300	-0,98%
Índia	68.976	73.471	77.264	81.299	87.292	89.026	95.477	101.455	109.272	111.200	4,89%
Coreia do Sul	58.914	68.519	69.073	66.061	71.543	69.670	68.576	71.030	72.464	71.400	1,94%
Taiwan	19.755	20.178	20.664	22.282	23.221	21.392	21.751	22.438	23.240	22.000	1,08%
União Europeia + Turquia	202.052	211.898	202.743	201.044	203.250	197.815	195.387	206.039	204.967	192.500	-0,48%
Alemanha	43.830	44.284	42.661	42.645	42.943	42.676	42.080	43.297	42.435	39.700	-0,98%
Itália	25.750	28.735	27.252	24.093	23.714	22.018	23.373	24.068	24.532	23.200	-1,04%
França	15.414	15.780	15.609	15.685	16.143	14.984	14.413	15.505	15.387	14.400	-0,68%
Espanha	16.343	15.504	13.639	14.252	14.249	14.845	13.616	14.441	14.320	13.600	-1,82%
Turquia	29.143	34.107	35.885	34.654	34.035	31.517	33.163	37.524	37.312	33.700	1,46%
CIS	108.200	112.663	110.739	108.408	106.079	101.552	102.108	101.195	100.919	100.400	-0,75%
Rússia	66.942	68.852	70.209	69.008	71.461	70.898	70.453	71.491	72.042	71.900	0,72%
Ucrânia	33.432	35.332	32.975	32.711	27.170	22.968	24.218	21.417	21.100	20.800	-4,63%
América do Norte	111.562	118.675	121.586	118.978	121.093	110.938	110.638	115.386	120.879	120.700	0,79%
EUA	80.495	86.398	88.695	86.878	88.174	78.845	78.475	81.612	86.607	87.800	0,87%
Canadá	13.009	12.891	13.507	12.417	12.730	12.473	12.646	13.208	13.443	12.900	-0,08%
México	16.870	18.110	18.073	18.242	18.930	18.218	18.824	19.955	20.204	18.500	0,93%

A produção de aço por empresa traduz a impactante concentração na região asiática. Em 2019, os dois maiores fabricantes (ArcelorMittal e China Baowu Group) foram responsáveis por 10% da produção mundial, com quase 200 milhões de toneladas. Se consideradas as maiores usinas chinesas, de acordo com o ranking da WSA, entre 20% e 30% de todo o aço produzido no mundo está sob o comando delas. A primeira aciaria brasileira a constar no ranking é a Gerdau que ocupa a trigésima colocação entre os 50 maiores fabricantes selecionados pela WSA.

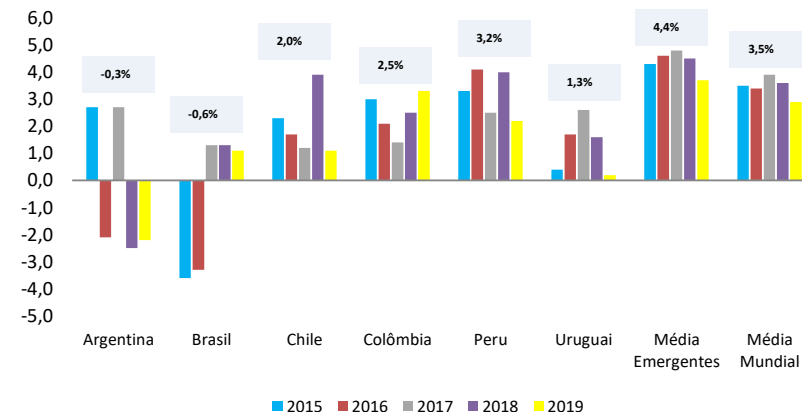
Gráfico 9: Principais produtores mundiais em 2019
(em milhões de toneladas)



Fonte: World Steel in Figures 2020 - WSA

Gráfico 10: Crescimento real do PIB de países da América Latina (variação anual e variação média do período - %)

Na América Latina, a produção de aço somou 61,0 milhões de toneladas em 2019, com retração de 1,8% frente ao ano anterior. A participação foi de 3,2% na produção global, superando Oriente Médio, África e Oceania (gráfico 11). A produção dos países da América do Sul representou 74,2% do total da produção latino-americana. Note-se que o baixo crescimento econômico da região expresso em taxas que na média do período de 2015-2019 foram inferiores às dos países emergentes ou mesmo à da economia mundial (gráfico 10) é um fator relevante, afóra os problemas inerentes a cada país (Venezuela, por exemplo), para se entender o desempenho da produção siderúrgica na região.



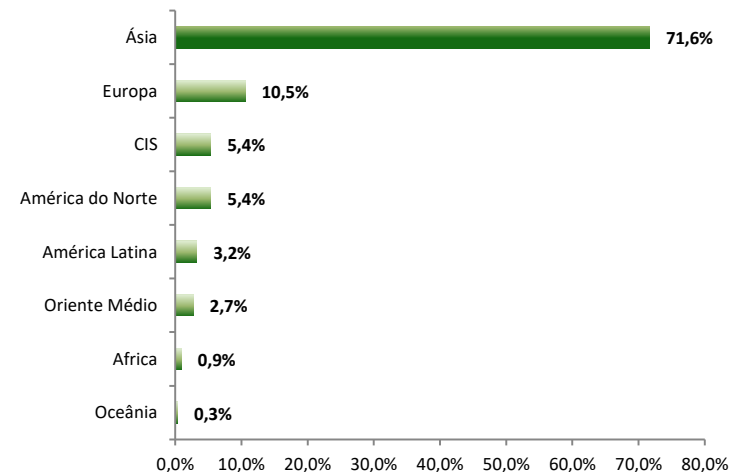
Quadro 3: Produção de Aço Bruto na América do Sul
Por países selecionados (em mil toneladas)
(taxa de crescimento médio anual – CARG (%))

Região/Países	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019e	CARG (%)
América do Sul	43.888	48.165	46.379	45.822	45.043	43.900	40.587	44.106	44.947	45.262	0,31%
Argentina	5.138	5.611	4.995	5.186	5.488	5.028	4.126	4.624	5.162	5.198	0,12%
Brasil	32.948	35.220	34.524	34.163	33.897	33.258	31.642	34.778	35.407	32.200	-0,23%
Chile	1.308	1.011	1.615	1.671	1.323	1.079	1.112	1.153	1.158	4.600	13,40%
Colômbia	1.208	1.287	1.302	1.236	1.208	1.211	1.272	1.253	1.219	1.228	0,16%
Peru	880	877	981	1.069	1.078	1.082	1.168	1.207	1.217	1.226	3,37%
Venezuela	2.207	2.980	2.359	2.139	1.485	1.345	553	444	129	129	-24,72%

Fonte: FMI

Como observado anteriormente, a participação das diferentes regiões no total da produção mundial de aço evidencia o predomínio da Ásia que respondeu por mais de 70% do total mundial em 2019 (gráfico 11). Com presença de 11,0%, a produção europeia desponta em segundo lugar no ranking, mas aproximadamente sete vezes menor do que a da região asiática. Mesmo ao considerar a presença americana e das demais regiões, todas têm participações menos expressivas.

Gráfico 11: Participação (%) de cada região na produção total de aço - 2019



Fonte: IABr

Por ser um dos principais insumos empregados na fabricação de vários produtos, o aço está presente em diferentes setores da economia. De um simples talher a uma torre metálica, é visível a utilização do aço em várias atividades. Em termos globais, o setor da construção civil/infraestrutura consome mais da metade do aço produzido (52%), sendo acompanhado pela produção de máquinas e equipamentos (18,0%) e na terceira posição a indústria automobilística (12,0%).

Quadro 4: Utilização setorial do aço (distribuição - %)

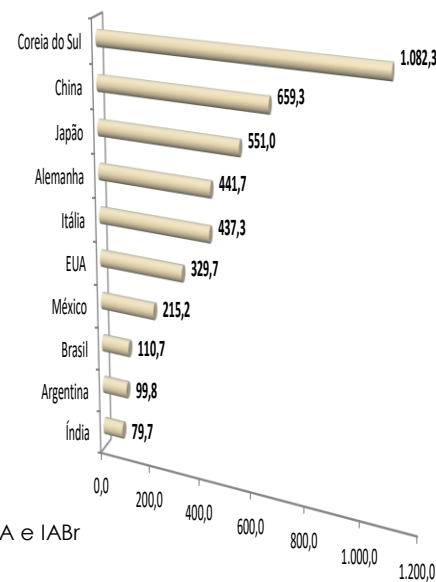
Setores/Produtos	Distribuição Setorial(%)
Construção e Infraestrutura	52,0%
Máquinas e Equipamentos	17,0%
Automobilística	12,0%
Produtos de Metal	10,0%
Outros Transportes	4,0%
Equipamntos Elétricos	3,0%
Equipamentos Domésticos	2,0%

Fonte: World Steel in Figures 2020 - WSA

No caso brasileiro, segundo informações do Instituto Aço Brasil (IABr), o consumo setorial de aço assume características distintas do padrão internacional. Por aqui, cerca de 30% das vendas são adquiridos pelos distribuidores e revendedores, que executam transações com empresas de distintos setores da economia. A construção civil assume a segunda posição, representando cerca de 18% do volume total de aço negociado. Em seguida, surge o setor automotivo (automobilístico + autopeças) que absorve 17% de todo aço comercializado. Os demais setores tem participação entre 0,1% e 5,0%.

Em termos per capita, a Coréia do Sul prossegue como o país de maior consumo (1,1 mil kg/hab.). A China desponta em segundo lugar com 659 kg/hab. e o Japão, em seguida, com 551 kg/hab. No Brasil, o consumo per capita continua estagnado em 111 kg/hab.

Gráfico 12: Consumo per capita de aço bruto – 2019
(em Kg/habitante)

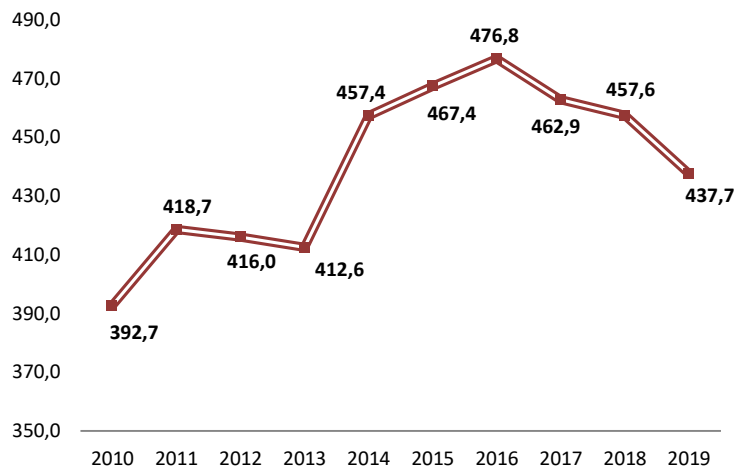


Fonte: WSA e IABr

O comércio internacional de produtos acabados e semiacabados de aço evoluiu positivamente entre os anos de 2010 e 2016. Nesse período, as exportações cresceram 21,4%, atingindo 476,8 milhões de toneladas no último ano do período mencionado. A partir de 2016, por conta do declínio do crescimento mundial e da adoção de medidas protecionistas em vários países, o comércio internacional começou a refluir. Em 2019, as exportações totalizaram 437,7 milhões de toneladas

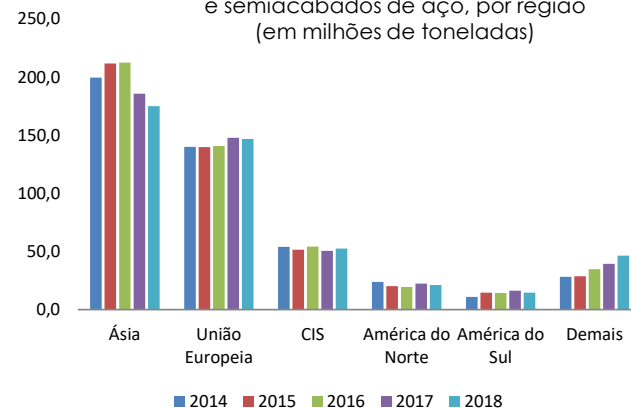
As estatísticas de exportações de produtos acabados e semiacabados de aço, organizadas por regiões/continentes, mostram que a Ásia, enquanto maior produtor mundial, foi a que mais perdeu no período entre os anos de 2016 e 2018 (último dado disponível para esse recorte de informações). As vendas ao exterior subiram no caso da União Europeia e de outras regiões (demais), enquanto CIS, América do Norte e América do Sul tiveram as suas exportações de produtos de aço estagnadas ou com quedas menores.

Gráfico 13: Exportações de produtos acabados e semiacabados de aço: 2010-2019
(em milhões de toneladas)



Fonte: WSA

Gráfico 14: Exportações de produtos acabados e semiacabados de aço, por região
(em milhões de toneladas)



Fonte: WSA

As operações inter e intra-blocos de produtos acabados e semiacabados, realizadas em 2019, mostram que a União Europeia é a região que mais transações intra-países membros realizou (111,5 milhões de toneladas). Posteriormente, encontra-se o Restante da Ásia (excluindo-se a China), com cerca de 35 milhões de toneladas. A China exportou bastante para os demais países da região asiática (36,1 milhões de toneladas), mas a sua produção é notadamente distribuída para várias partes do mundo.

Região Exportadora / Destino	União Europeia	Restante da Europa	CIS	Nafta	Restante da América	África e Oriente Médio	China	Japão	Restante da Ásia	Oceania	Total das Importações
União Europeia	111,5	10,1	15,3	0,2	1,3	1,0	3,2	0,3	8,8	0,1	151,8
Restante da Europa	8,8	0,9	5,3	0,0	0,4	0,9	0,7	0,4	1,1	0,0	18,5
CIS	1,8	0,5	10,2	0,0	0,0	0,0	2,5	0,1	0,4	0,0	15,5
Nafta	6,3	0,6	1,7	15,8	7,6	1,0	1,6	2,9	7,7	0,4	45,6
Restante da América	1,1	1,5	0,6	1,3	3,5	0,0	6,6	1,1	1,1	0,0	16,8
África	4,4	3,9	3,9	0,1	0,1	5,8	5,3	0,9	1,0	0,0	25,4
Oriente Médio	1,4	4,4	4,3	0,1	0,3	5,8	7,0	0,9	3,8	0,1	28,1
China	1,2	0,0	0,2	0,1	0,1	0,1	-	5,0	8,8	0,0	15,5
Japão	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,3	-	5,0	0,0	6,4
Restante da Ásia	2,4	1,7	7,5	0,3	1,0	5,6	36,3	21,4	34,7	0,5	111,4
Oceania	0,3	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,2	1,0	0,2	2,7
Total das Exportações	139,3	23,8	49,0	17,9	14,3	20,2	65,3	33,2	73,4	1,3	437,7

Quadro 5: Comércio mundial de aço, por região
(em milhões de toneladas)

SIDERURGIA NO BRASIL



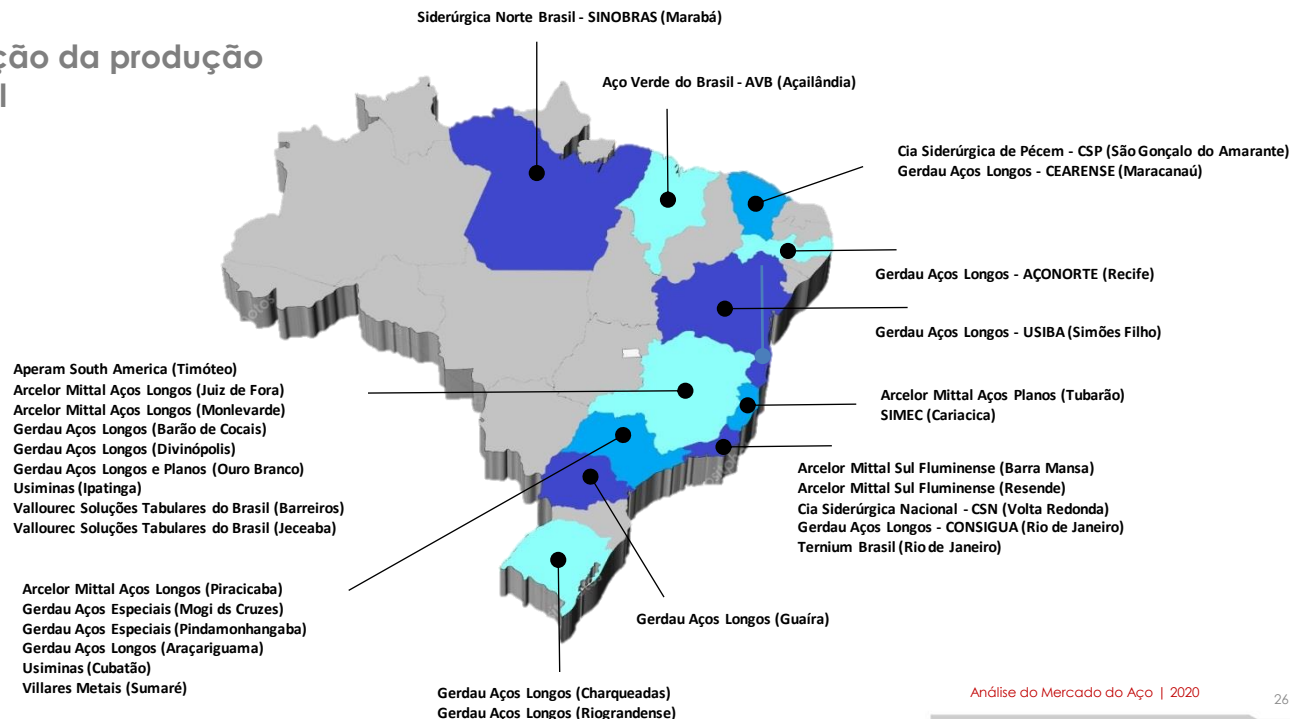
SICETEL



ABIMETAL

O Brasil concentra o maior parque produtor siderúrgico da América Latina. Em 2019, a produção brasileira representava 1,7% do total mundial e metade (53,8%) da produção da América Latina, mantendo-se na nona posição dos principais produtores mundiais, de acordo com a World Steel Association. Em termos geográficos, os estados da região Sudeste (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo) respondem por 94% do aço produzido no país.

Mapa: Distribuição da produção de aço no Brasil

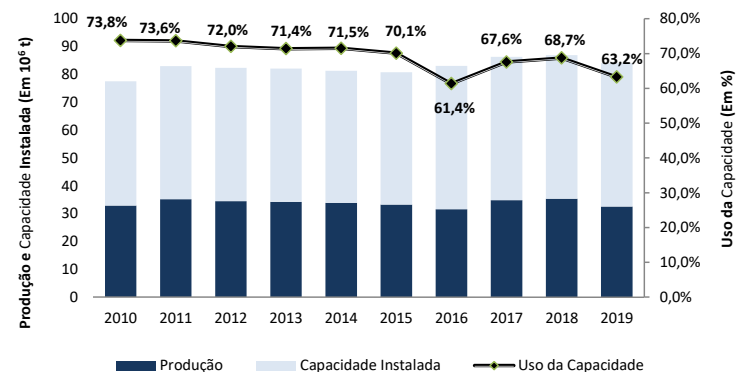


Fonte: IABr

Em 2019, a fabricação de aço bruto foi 8,0% inferior à do ano anterior, alcançando 32,6 milhões de toneladas. Após dois anos consecutivos de crescimento (2017 e 2018), a produção de aço voltou a recuar. Ressalte-se que no período entre 2010 e 2016 – último ano em que investimentos no setor entraram em operação – a produção de aço passou de 35,2 para 31,6 milhões de toneladas, assinalando queda de 10,2%. As causas para retração da atividade nas usinas em 2019 se relacionam, entre outros fatores, ao moderado dinamismo da construção civil, comparado aos anos de forte crescimento (2005-2012), ao desempenho da produção de veículos, que aumentou 2,3% em 2019 contra 17,2% no ano anterior e à queda das exportações.

A diminuição nos volumes de aço produzido interrompeu a recuperação do uso da (gráfico 15), bem abaixo da ocupação histórica do setor. As vendas para o mercado doméstico se mantiveram estáveis em 19,0 milhões de toneladas, tal como observado em 2018, mas inferiores à média do período escrutinado que foi de 20,0 milhões de toneladas.

Gráfico 15: Produção de aço, capacidade instalada e uso da capacidade (em milhões de toneladas e participação percentual - %)

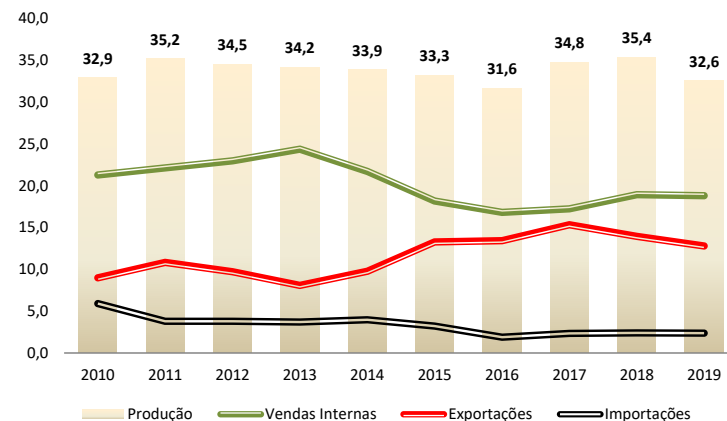


Fonte: IABr

As exportações de aço bruto alcançaram volume recorde de 15,0 milhões de toneladas em 2017 e evoluíram negativamente a partir daí. Somaram 13,9 milhões em 2018 e 12,8 milhões em 2019 (gráfico 16). Entre o ápice de vendas para o exterior e o resultado em 2019, as exportações encolheram 16,6%. A baixa competitividade dos bens intermediários e manufaturados originários do Brasil, associada a medidas protecionistas impostas por vários países, serve para compreender a performance do período.

Apesar da produção de bens acabados de aço ter diminuído 6,3% entre 2018 e 2019, apresentou evolução favorável nos últimos 10 anos. A fabricação de bens finais cresceu 9,7% entre 2010 a 2019, o que representou aumento médio anual de 0,93% (Quadro 6). Ao decompor a informação por segmento, comprova-se que a expansão dos produtos semiacabados foi responsável pelo que ocorreu na produção siderúrgica. Nos anos em tela, os semiacabados cresceram 72,1% (média anual de 5,6%, aproximadamente), o que fez a sua participação saltar de 19,9% em 2010 para 31,3% em 2019. Como notado em edições anteriores, há nítido empobrecimento do mix de produtos do setor siderúrgico. Por seu turno, enquanto a produção de laminados planos encolheu 0,34%, em média, a cada ano, a de laminados longos sofreu retração média mais forte, de 1,0% ao ano. Em comparação a 2018, os volumes produzidos de planos e longos caíram, respectivamente, 6,7% e 2,1% (quadro 6).

Gráfico 16: Produção, vendas internas, exportações e importações de aço bruto (em milhões de toneladas)



Fonte: IABr

A participação relativa dos laminados planos incorreu em redução de 5,7 p.p., passando de 47,9% em 2010 para 42,2% em 2019. No caso dos longos, registrou-se queda de 32,2% para 26,5% nos anos mencionados.

Quadro 6: Produção de aços longos e planos e produtos semiacabados
(em mil toneladas)

Produtos	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Var. 19/10 (%)	CARG (%)
I. Laminados	25.450	25.240	25.696	26.263	24.906	23.963	22.517	24.168	25.206	23.950	-5,89	-0,61
Planos	15.212	14.265	14.897	15.013	14.229	14.680	13.669	15.165	15.767	14.708	-3,31	-0,34
Longos	10.238	10.975	10.799	11.250	10.677	9.283	8.848	9.003	9.439	9.242	-9,73	-1,01
II. Semiacabados	6.334	8.051	7.472	6.737	7.876	9.829	10.698	11.639	11.971	10.901	72,10	5,58
Total	31.784	33.291	33.168	33.000	32.782	33.792	33.215	35.807	37.177	34.851	9,65	0,93

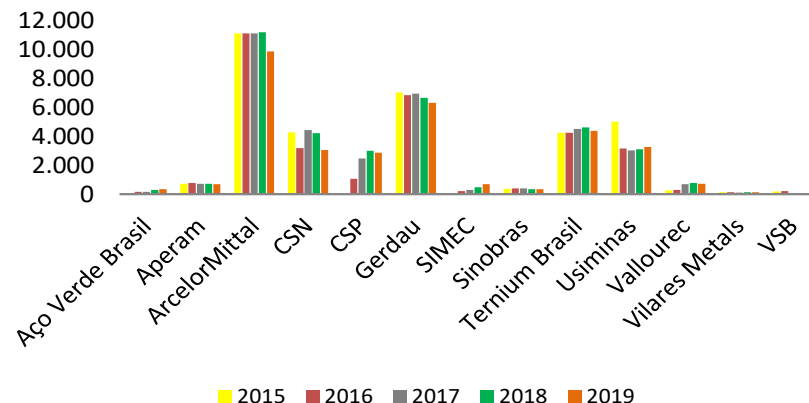
Fonte: IABr

O mercado de aço no Brasil, como de resto no mundo, apresenta, historicamente, poucos grupos empresariais na liderança da produção. ArcelorMittal, Gerdau, Usiminas e Ternium Brasil (ex-Thyssenkrupp CSA) detém juntas cerca de 75% dessa produção. Mesmo com participações importantes de CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e CSP (Companhia Siderúrgica de Pecém), os 25% restantes se dividem entre outras 9 empresas.

Entre 2014 e 2019, atravessado o período crítico da recessão e o destaque para a presença de novos players, ganharam market share na produção de aço bruto as empresas Vallourec, cuja participação subiu de 0,8% em 2014 para 2,2% em 2019 e a Ternium Brasil, de 12,7% para 13,4%, respectivamente. Por outro lado, perderam espaço no mercado as empresas Aperam (de 33,4% para 30,3%), CSN (de 12,8% para 9,3%), Gerdau (de 21,1% para 19,3%) e Usiminas (de 15,1% para 10,0%), com redistribuição de participações, principalmente, entre os novos players.

Na passagem de 2018 para 2019, houve crescimento da produção de aço bruto na Usiminas (5,8%), SIMEC (39,8%) e Aço Verde Brasil (21,1%). Embora as duas últimas tenham participações menos expressivas, salta os olhos o fato de que todas as demais aciarias produziram menos no período, com quedas mais acentuadas em CSN (-27,5%) e ArcelorMittal (-11,9%).

Gráfico 17: Evolução da produção de aço bruto por empresa: 2015-2019 (em milhões de toneladas)



Fonte: IABR

Quadro 7: Produção de produtos de aço por empresa – 2019
(em mil toneladas)

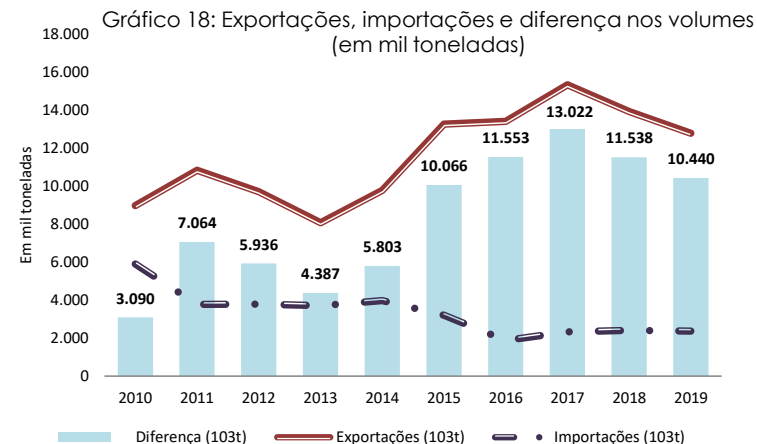
Empresas	Produtos			
	Aço Bruto	Laminados*	Semiacabados*	Ferro-Gusa
Aço Verde Brasil	338	236	97	336
Aperam	688	718	-	454
Arcelor Mittal ¹	9.858	8.783	2.388	8.059
CSN	3.043	3.600	-	2.700
CSP	2.866	-	2.845	2.904
Gerdau	6.301	4.914	1.098	3.807
SIMEC	671	662	-	-
Sinobras	345	322	20	134
Ternium Brasil	4.379	-	4.388	4.384
Usiminas	3.264	4.001	59	3.167
Vallourec	705	654	6	335
Vilares Metals	111	54	-	-
VSB	-	6	-	-

Fonte: IABr

* Inclui produção para vendas dentro do parque.

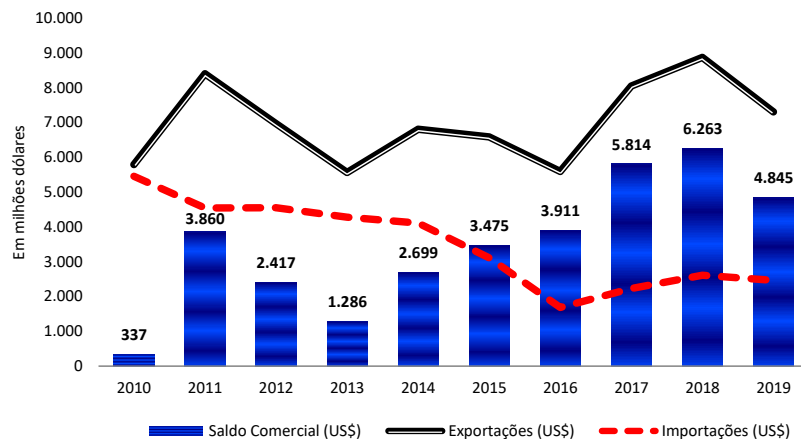
1. Compreende as três usinas da empresa: ArcelorMittal Aços Longos, ArcelorMittal Sul Fluminense e ArcelorMittal Tubarão.

Do lado das transações internacionais, o setor siderúrgico se mostra historicamente superavitário, apresentando expressivo e crescente quantum (toneladas) no saldo das exportações de aço bruto, ou quando se considera o saldo comercial em dólar, que atingiu US\$ 6,3 bilhões em 2018, após sucessivos anos de crescimento. Em 2019, com a diminuição do ritmo de crescimento mundial, os elevados estoques de aço bruto e os conflitos gerados pela “guerra comercial” entre EUA e China, em que se assistiu o transbordamento de ações protecionistas para outras regiões, houve retração de 9,5% da diferença entre volumes exportados e importados em toneladas e de 22,6% no superávit comercial do setor.



Fonte: IABr

Gráfico 19: Exportações, importações e saldo comercial (em dólares correntes)



Fonte: IABr

As exportações de produtos siderúrgicos apresentaram variação negativa de 8,2% em volumes físicos e de 17,6% em dólares. No caso das importações, houve recuo de 1,7% em toneladas e de 5,6% em valor (US\$). Nos últimos três anos, a média do volume físico de exportações de aço foi 15,4% maior do que a média do período entre 2014 e 2016. Do lado das compras, a situação se inverte. A comparação entre as médias trienais mostra redução de 21,7% dos volumes físicos importados.

Com respeito ao preço médio das exportações de produtos siderúrgicos, apurou-se incremento de 11,5% em 2019 em comparação ao ano imediatamente anterior; ao passo que nas importações, o preço médio sofreu retração de 4,0% entre os anos em tela.

A produção de aços planos sofreu retração média de 0,21% ao ano entre 2013 e 2019. No último ano, a produção ficou ligeiramente abaixo da média dos volumes produzidos para o período e houve queda de 6,7% em comparação a 2018.

O consumo aparente de planos foi 2,8% inferior ao do ano anterior, com registro de volumes que passaram de 12,7 milhões de toneladas, em 2018, para 12,4 milhões em 2019, números muito abaixo do nível observado em 2013. Durante a segunda metade da década passada, o consumo de planos não conseguiu superar a média do período. Em tempo, o decréscimo médio anual (CARG) do consumo aparente de planos foi superior ao da produção para os anos da série. As vendas das aciarias para o mercado interno encolheram 5,5% no último ano e tiveram queda, em média, de 1,6% ao ano.

Quadro 8: Produção, vendas, consumo aparente e
Balança comercial de aços planos: 2013 - 2019
(em mil toneladas)

Laminados Planos	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Média 2013-19	CARG (%)
Produção de Aços Planos	15.013	14.229	14.680	13.669	15.165	15.767	14.708	14.747	-0,21
Vendas (Internas ¹ + Externas ²)	15.158	13.930	13.287	12.360	13.218	13.678	12.920	13.507	-1,59
Exportações	1.562	2.204	3.581	3.173	3.618	2.919	2.317	2.768	4,02
Importações	2.124	2.416	1.918	964	1.597	1.573	1.432	1.718	-3,86
Consumo Aparente ³	16.116	14.521	11.919	10.551	11.687	12.729	12.369	12.842	-2,61

1. Exclui as vendas para dentro do parque

2. Vendas faturadas pelas usinas

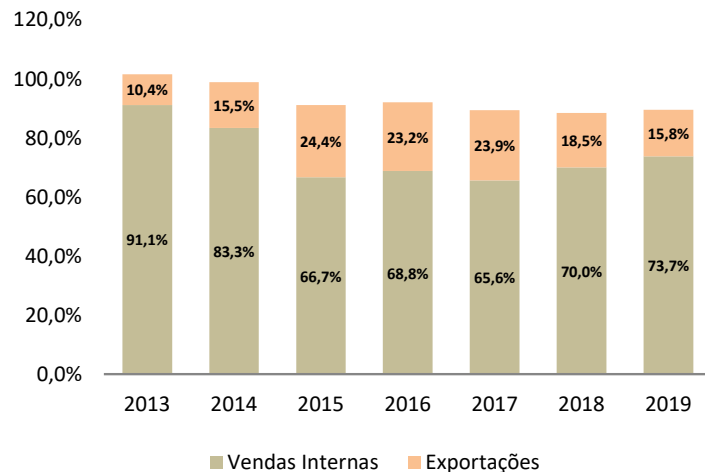
3. Vendas Internas + Importação por Distribuidores e Consumidores.

Fonte: IABr

As vendas internas menores e o melhor posicionamento das vendas no mercado internacional fizeram com que, em proporção da produção total, houvesse aumento da participação das exportações, como descreve o gráfico abaixo.

A participação das vendas internas passou de 90% em 2013 para 74% em 2019, atingindo durante os anos de recessão as piores marcas da série histórica. Por sua vez, as exportações apresentaram evolução positiva, aumentando de 10% para 16% nos extremos da série. No período da recessão, a participação das exportações alcançou 24%.

Gráfico 20: Vendas internas e exportações em proporção da produção de aços planos (em %)



Fonte: IABr. A diferença percentual está associada aos estoques e outras rubricas.

As exportações de planos recuaram 20,6% em 2019 no confronto com o ano anterior, mas registram crescimento médio anual de 4,0% desde 2013. Na maioria dos anos da série, os volumes exportados superaram a média do período, apesar de todas as dificuldades conhecidas para efetivação de negócios com o exterior. A política protecionista dos EUA contra o aço brasileiro e de outros países vem prejudicando as vendas desde 2018.

As importações de aços planos representaram 11,6% do consumo aparente em 2018, bem inferior, portanto, aos 25% de 2010. Em relação ao ano anterior, elas caíram 8,9% em toneladas e 13,5% em dólares. O setor de planos tem sido o mais afetado pelas importações de produtos siderúrgicos, seja por via direta ou indireta. Ao longo dos últimos anos, a importação direta tem representado 65% do aço importado.

O superávit dos produtos planos atingiu 885 mil toneladas em 2019, correspondente a 0,3 bilhão de dólares. Esse resultado representa uma queda de 34,3% no saldo em toneladas e de 44,4% no saldo em dólares em relação ao ano anterior.

Com queda de 2,1% em relação a 2018, a produção de aços longos continuou apresentando volumes muito aquém daqueles observados em 2013 e 2014. Para os anos da série, a retração média anual de longos foi de, aproximadamente, 2,0%. Desde 2015, a produção se manteve abaixo da média dos volumes produzidos para o período retratado.

Em 2019, o consumo aparente de longos foi 1,5% superior ao do ano anterior, registrando volumes que passaram de 8,5 milhões de toneladas, em 2018, para 8,6 milhões em 2019. O crescimento no último ano não impediu que a série apresentasse retração média de 3,2% ao ano. Desde 2016, o consumo aparente de longos não supera a média para o período analisado. Por seu turno, as vendas das usinas para o mercado interno cresceram 1,4% no último ano, mas se nota queda, em média, de 1,7% ao ano.

O volume de exportações de longos subiu 0,7% em relação a 2018 e houve crescimento médio anual de 3,9% desde 2013. O preço médio das exportações em dólares subiu 3,5% em relação ao ano anterior, mas ainda é inferior ao registrado em 2013.

Quadro 9: Produção, vendas, consumo aparente e balança comercial de aços longos: 2013 - 2019
(em mil toneladas)

Laminados Longos	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Média 2013-19	CARG (%)
Produção de Aços Longos	11.250	10.677	9.283	8.848	9.003	9.439	9.242	9.677	-1,95
Vendas (Internas ¹ + Externas ²)	11.195	10.610	9.328	8.696	8.834	9.309	9.442	9.630	-1,69
Exportações	1.255	1.282	1.428	1.813	1.975	1.831	1.844	1.633	3,92
Importações	1.570	1.547	1.218	670	646	661	721	1.005	-7,48
Consumo Aparente ³	11.902	11.085	9.376	7.969	7.836	8.478	8.607	9.322	-3,19

1. Exclui as vendas para dentro do parque

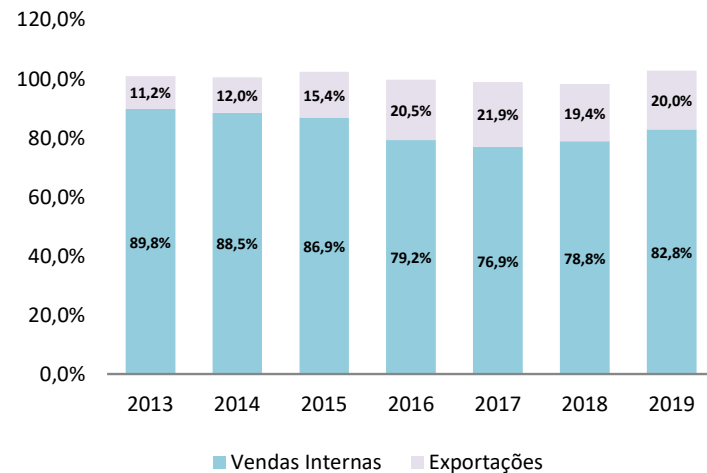
2. Vendas faturadas pelas usinas

3. Vendas Internas + Importação por Distribuidores e Consumidores.

Fonte: IABr

Do mesmo modo que ocorreu nos produtos planos, a participação das vendas internas em longos na produção total recuou entre os anos de 2013 e 2019, embora em menor intensidade. A participação oscilou de 89,8% para 82,8%, com marca menos expressiva de 76,9% em 2017. A participação das exportações subiu de 11,2% em 2013 para 20,0% em 2019 alcançando ápice de 21,9% em 2017.

Gráfico 21: Vendas internas e exportações em proporção da produção de aços longos (em %)



As compras de longos no exterior subiram 9,1% frente ao ano anterior e caíram 7,5% ao ano desde 2013. Já o preço médio das importações cresceu 0,7% entre os dois últimos anos da série, em parte, devido à valorização da moeda americana no período.

O superávit de produtos longos alcançou 1,1 milhão de toneladas em 2019, correspondente a 0,8 bilhão de dólares. Em comparação ao ano anterior, esse resultado expressou queda de 4,0% no saldo em toneladas e crescimento de 0,5% no saldo em dólares.

Fonte: Fonte: IABr. A diferença percentual está associada aos estoques e outras rubricas.

Os semiacabados de aço apresentaram crescimento médio anual de 4,9% entre 2013 e 2019. Na passagem dos dois últimos anos da série, houve decréscimo 8,9%, o que fez o volume de semiacabados recuar de 12,0 milhões para 10,9 milhões de toneladas. De modo diferente aos produtos planos e longos, a produção de semiacabados cresceu no período, a despeito da queda no último ano. Os volumes passaram de 6,7 milhões, em 2013, para 11,0 milhões de toneladas em 2019.

Mesmo com volumes físicos ínfimos, as importações de semiacabados subiram 22,2% em relação a 2018 e 10% em valor. O preço médio das importações cresceu 11,4% entre os dois últimos anos da série, em parte, devido à valorização da moeda americana no período.

Em 2019, o volume de exportações de semiacabados recuou 6,0% em relação ao ano anterior, mas houve crescimento médio anual de 5,1% desde 2013. Em dólares, o valor das exportações recuou 17,4%. O preço médio, em dólares, subiu 13,3% em relação a 2018, mas ainda se mostra inferior ao registrado em 2013.

Quadro 10: Produção, vendas, consumo aparente e balanço comercial de semiacabados: 2013 - 2019
(em mil toneladas)

Semiacabados	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Média 2013-19	CARG (%)
Produção de Semiacabados	6.737	7.876	9.829	10.698	11.639	11.971	10.901	9.950	4,93
Vendas (Internas ¹ + Externas ²)	5.369	6.774	8.910	8.808	9.947	10.051	8.831	8.384	5,10
Exportações	5.273	6.295	8.717	8.446	9.758	9.195	8.643	8.047	5,07
Importações	11	14	74	245	86	173	211	116	34,78

1. Exclui as vendas para dentro do parque

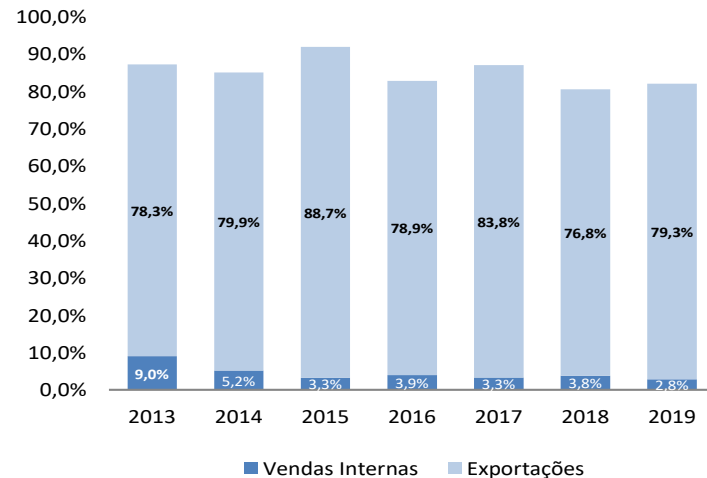
2. Vendas faturadas pelas usinas

3. Vendas Internas + Importação por Distribuidores e Consumidores.

Fonte: IABr

A participação das vendas internas no total da produção de semiacabados recuou no período e se manteve ao redor de 3,0%. Apesar das oscilações, as exportações tiveram participação entre 75% e 80% com exceção de 2015, quando alcançou quase 89%.

Gráfico 22: Vendas internas e exportações em proporção da produção de semiacabados (em %)



O superávit de produtos semiacabados alcançou 8,4 milhões de toneladas em 2019, correspondendo a 4,1 bilhões de dólares. Em comparação ao ano anterior, esse resultado representou queda de 6,5% no saldo em toneladas e de 17,6% em dólares.

Fonte: Fonte: IABr. A diferença percentual está associada aos estoques e outras rubricas.

DESEMPENHO DO SETOR DE TREFILAÇÃO E LAMINAÇÃO

A decorative white line graphic consisting of a horizontal segment followed by a diagonal segment pointing upwards and to the right.



Aspectos gerais do setor de trefilação e laminação

O setor de trefilação e laminação, representado pelo SICETEL-ABIMETAL, reúne fabricantes de uma variada gama de produtos derivados do aço. Dentre eles, encontram-se barras e arames trefilados, perfis, tiras e fitas relaminadas e diversos derivados de arame como telas metálicas, cabos e cordoalhas, correntes industriais, pregos, grampos e cliques.

O setor constitui o primeiro elo da cadeia metalomecânica a jusante da indústria siderúrgica e a montante da indústria automobilística. Opera com tecnologias menos intensivas em P&D, mas guarda relevante potencial para futuros desenvolvimentos, em razão do uso de novas ligas e da versatilidade oferecida pela propriedade de reutilização/reciclagem do aço.

O SICETEL-ABIMETAL possui cerca de 70 empresas associadas, o que representaria 20% do universo formado por aproximadamente 350 fabricantes, divididos entre unidades independentes e siderúrgicas verticalizadas. As associadas empregam mais de 35 mil trabalhadores.

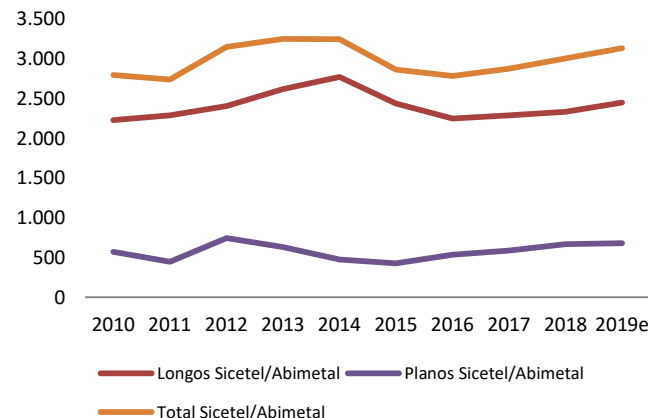
Em 2019, as empresas associadas ao SICETEL-ABIMETAL foram responsáveis pela transformação estimada de 3,1 milhões de aço, exprimindo crescimento de 4,2% em relação ao ano anterior e ligeiramente abaixo da expansão observada em 2018 (4,4%). Em relação a 2013, o volume processado foi 3,7% menor ao daquele ano (gráfico 23).

A estimativa do volume de aços longos processados pelas associadas da entidade atingiu 2,4 milhões de toneladas em 2019, com crescimento de 5,0% em relação ao ano anterior. No caso dos planos, o volume processado somou 681 mil toneladas, superando em 1,6% o volume do ano anterior.

A participação estimada das associadas do SICETEL-ABIMETAL no total de aço processado em 2019 foi de 16,7%, aumentando cerca de um ponto percentual, tendo em vista que em 2018 havia sido de 15,9%. Em 2019, as empresas associadas se mantiveram em boa posição entre os setores que consomem aço no Brasil.

No segmento de longos, a participação estimada do SICETEL-ABIMETAL atingiu 24,3% em 2019, com aumento de quase 1,2 p.p. em relação ao ano anterior. Em relação a 2013, houve acréscimo de 4,2 pontos percentuais. No segmento de planos, a participação foi de 5,8% em 2019, mantendo-se estável em comparação ao ano anterior.

Gráfico 23: Volumes de aço processado pelas associadas do SICETEL/ABIMETAL
(em mil toneladas)

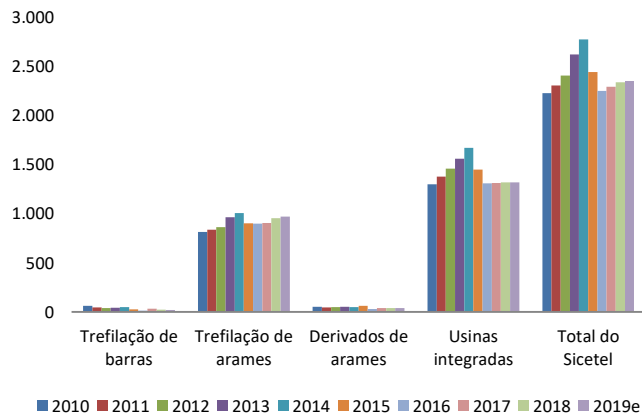


Elaboração: SICETEL/ABIMETAL

As usinas integradas mantiveram estável o volume de aço processado entre 2018 e 2019 (0,1%). No caso das trefilarias de barras independentes, o volume que havia caído 31% em 2018, sofreu retração menor (10%) na passagem para 2019. Por sua vez, os volumes processados pelas trefilarias independentes e as de derivados de arames cresceram 1,6% e recuaram 2,3%, respectivamente (gráfico 24).

Em 2019, as trefilarias integradas foram responsáveis por 56,1% do volume de longos processados pelo SICETEL-ABIMETAL, as trefilarias de ramos independentes por 41,3%, os derivados de arames por 1,8% e as trefilarias de barras independentes por apenas 0,8%.

Gráfico 24: Evolução dos volumes de aços longos processados (em mil toneladas)



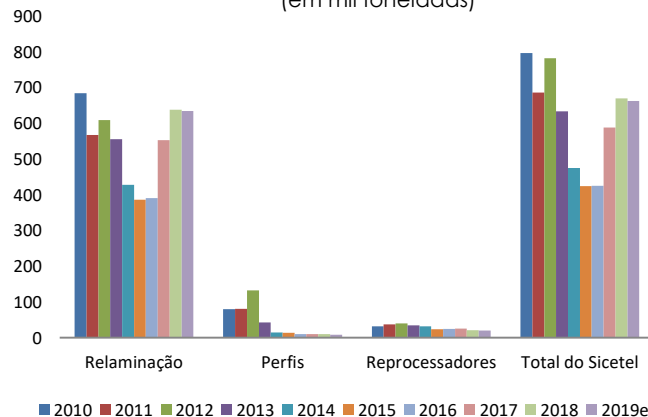
Elaboração: SICETEL/ABIMETAL

Processamento de aço pelas associadas do SICETEL/ABIMETAL

O segmento de relaminação processou volume 0,7% menor do que em 2018, mas 14,1% maior do que em 2013. O segmento de perfis também mostrou queda (18,8%) frente a igual base de comparação. Por fim, em 2019, o volume transformado pelo segmento de reprocessadores de aços caiu 4,1%, quando comparado com 2018, e ficou 42,4% abaixo de 2013 (gráfico 25).

No ano passado, o segmento de relaminação foi responsável por 95,7% do aço plano processado pelas associadas do SICETEL-ABIMETAL, o segmento de perfis por 1,2% e os reprocessadores por 3,0%.

Gráfico 25: Evolução dos volumes de aços planos processados (em mil toneladas)



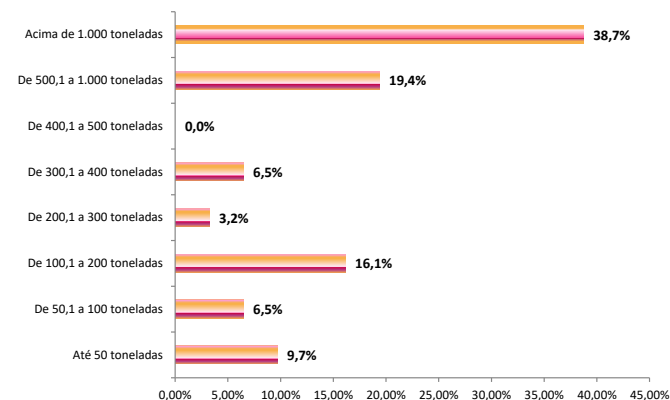
Distribuição setorial das vendas dos associados do SICETEL/ABIMETAL

O SICETEL-ABIMETAL consultou as empresas filiadas para identificar aspectos relacionados aos volumes de aço processado e o perfil setorial de distribuição das vendas.

Do total de 32 associadas que responderam a pesquisa, 38,7% informaram que as vendas mensais, em 2019, ficaram acima de mil toneladas. Em seguida, 19,4% dos respondentes indicaram vendas entre 500 e mil toneladas. Desse modo, 58,1% das indústrias consultadas transacionaram mensalmente acima de 500 toneladas no ano passado.

O percentual supera 70% das empresas que responderam ao questionário, quando se leva em consideração que 16,1% negociaram volumes entre 100 e 200 toneladas/mês em 2019.

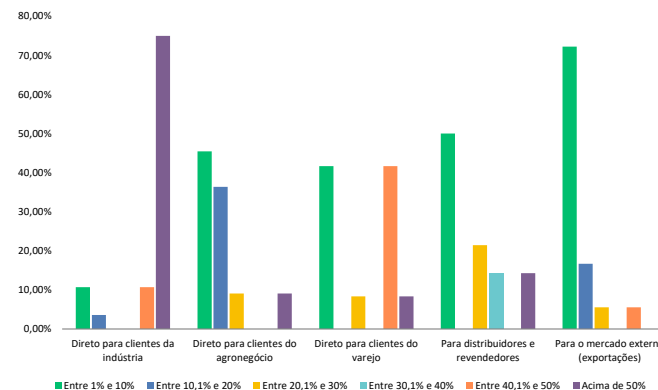
Gráfico 26: Volume de aço transacionado pelas empresas associadas ao SICETEL-ABIMETAL (em toneladas)



Elaboração: SICETEL/ABIMETAL

A indústria automobilística e de autopeças (79,3%), indústria de transformação em geral, excetuando-se o segmento automotivo (65,5%), construção civil (44,8%), utilidades domésticas e comerciais (37,9%), eletroeletrônica (34,5%) e motocicletas e motopeças (34,5%) lideram o ranking dos setores atendidos pelas empresas associadas ao SICETEL-ABIMETAL. Embora recebam atenção das empresas de laminação e trefilação, de modo geral, ao se analisar a participação das vendas para os setores listados, nota-se maior representatividade (quadro 11) da faixa entre 1% e 10% do total, podendo variar no caso de alguns setores.

Gráfico 28: Setores atendidos pelas empresas associadas ao SICETEL/ABIMETAL (em %)

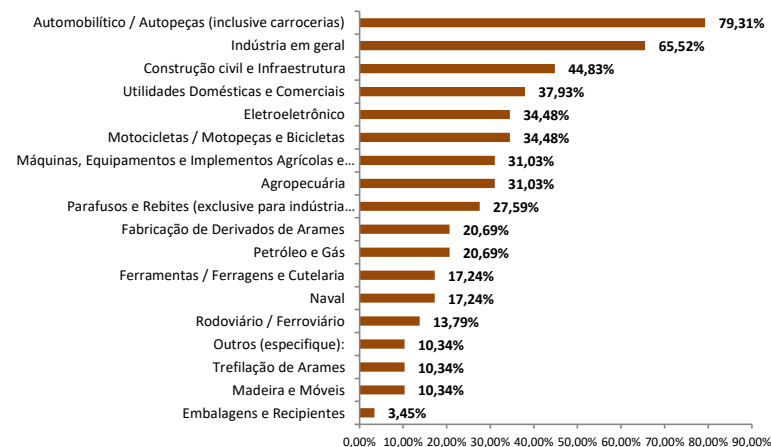


Elaboração: SICETEL/ABIMETAL

Quando indagadas sobre a representatividade das vendas por canal de distribuição, as empresas do SICETEL-ABIMETAL informaram, majoritariamente, que as operações realizadas com clientes da indústria representaram mais de 50% das vendas em 2019. Para os clientes do agronegócio, é predominante a representatividade para as faixas entre 1% e 10% (45,4% assinalaram essa opção) e entre 10,1% e 20% do total comercializado (36,4% optaram por essa resposta). No caso dos clientes do varejo, foram observadas duas faixas em extremos opostos. De um lado, 41,7% dos respondentes indicaram que as suas vendas para esse canal representaram entre 1% e 10% do total e o mesmo percentual de participantes indicou que as vendas estariam entre 40,1% e 50,0% do total. No caso dos distribuidores e revendedores e das exportações, a concentração maior das vendas estaria representada pelo intervalo entre 1% e 10% do total.

Para o caso das distribuidoras e revendas de produtos de aço, convém notar que 21,4% dos participantes da pesquisa informaram que as suas vendas para esse canal situar-se-iam entre 20% e 30% do total, enquanto 14,3% indicaram tanto a faixa entre 30% e 40%, quanto acima de 50%.

Gráfico 27: Percentual (%) de vendas das empresas associadas ao SICETEL-ABIMETAL por canal de distribuição (em toneladas)



Elaboração: SICETEL/ABIMETAL

Distribuição setorial das vendas dos associados do SICETEL/ABIMETAL

Uma visão mais acurada para os principais setores atendidos pela trefilação e laminação revela que, em 2019, a indústria automotiva e de autopeças representou mais de 50% das vendas para cerca de 41% das associadas do SICETEL-ABIMETAL, que assinalaram atender esse canal. Para 32%, o atendimento desse segmento representou de 1% a 10% do total das suas vendas.

A trefilação de arames concentrou 67% das empresas para a faixa de vendas de até 10% do total, enquanto 33% informaram que os negócios com esse segmento representariam entre 20% e 30% do total das suas operações. No caso da fabricação de parafusos e rebites, 57% das empresas filiadas ao SICETEL-ABIMETAL possuem vendas destinadas a esse grupo de até 10% do total. Os demais 43% concentram entre 10% e 30% das suas vendas nesse grupo.

Ao atender o setor eletroeletrônico, 86% das filiadas direcionam até 20% do total das suas vendas. No caso da construção civil e infraestrutura, as vendas de 36% das associadas que atendem a esse setor representam mais de 50% do total.

Para 92% das empresas filiadas que possuem como clientes empresas de motocicletas e motopeças, as vendas destinadas a esse setor representaram até 20% do total. No caso da agropecuária, para 78% das associadas que atendem a esse grupo de atividade, as vendas a ela destinadas representaram até 20% do total.

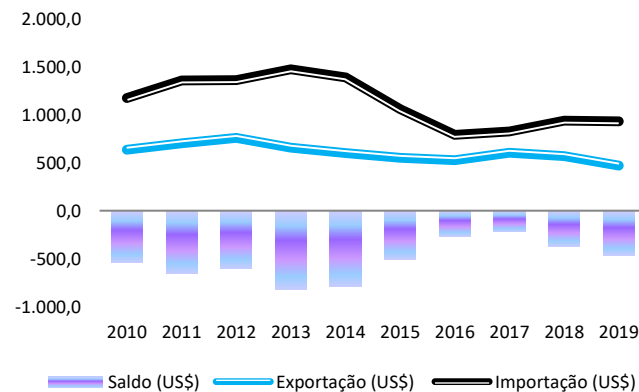
Quadro 11: Participação das vendas nos setores atendidos pelo SICETEL-ABMETAL (em %)

SETORES	Entre 1,0% e 10%	Entre 10,1% e 20%	Entre 20,1% e 30%	Entre 30,1% e 40%	Entre 40,1% e 50%	Acima de 50%	TOTAL
Automobilístico / Autopeças (inclusive carrocerias)	31,8%	0,0%	18,2%	9,1%	0,0%	40,9%	100,0%
Rodoviário / Ferroviário	75,0%	0,0%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Motocicletas / Motopeças e Bicicletas	66,7%	25,0%	0,0%	8,3%	0,0%	0,0%	100,0%
Agropecuária	33,3%	44,4%	11,1%	0,0%	0,0%	11,1%	100,0%
Naval	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Petróleo e Gás	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Máquinas, Equipamentos e Implementos Agrícolas e Industriais	33,3%	44,4%	22,2%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Eletroeletrônico	42,9%	42,9%	0,0%	14,3%	0,0%	0,0%	100,0%
Indústria em geral	8,3%	16,7%	8,3%	8,3%	33,3%	25,0%	100,0%
Construção civil e Infraestrutura	0,0%	18,2%	18,2%	18,2%	9,1%	36,4%	100,0%
Madeira e Móveis	33,3%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	100,0%
Utilidades Domésticas e Comerciais	50,0%	16,7%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Embalagens e Recipientes	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Ferramentas / Ferragens e Cutelaria	0,0%	66,7%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Parafusos e Rebites (exclusive para indústria automotiva)	57,1%	14,3%	28,6%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Fabricação de Derivados de Arames	16,7%	50,0%	0,0%	0,0%	33,3%	0,0%	100,0%
Trefilação de Arames	66,7%	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%

As relações internacionais de comércio do setor de trefilação e laminação foram deficitárias em 2019. Tomando-se por base as NCM do setor, cujas informações estão acessíveis na plataforma Comex Stat da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX/Ministério da Economia), constata-se que ao longo da última década, o setor apresentou saldos comerciais negativos, o que se explica, em parte, pela política cambial desfavorável à indústria de transformação do país e a forte concorrência estrangeira.

Em 2019, as exportações do setor alcançaram US\$ 469,3 milhões, enquanto as importações somaram US\$ 932,2 milhões, com a geração de déficit comercial de US\$ 463,0 milhões (gráfico 29). Esses resultados expressaram queda de 17,5% para as exportações e de 0,8% no caso das importações.

Gráfico 29: Exportação, importação e saldo comercial (em US\$)



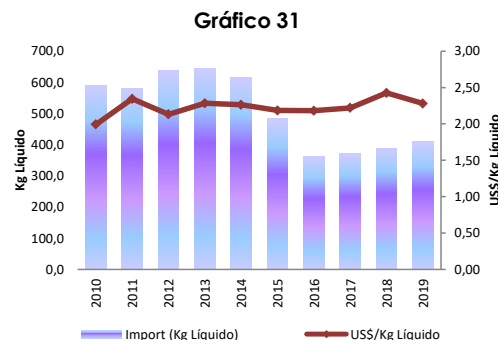
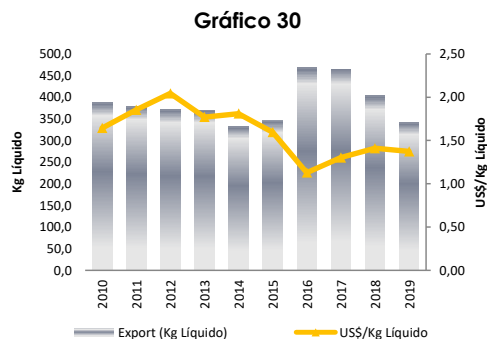
Fonte: Secretaria de Comércio Exterior/Ministério da Economia.
Elaboração SICETEL/ABIMETAL

Os gráficos 30 e 31 apresentam os volumes físicos exportados e importados, sendo evidente o recuo das importações, sobretudo a partir do início da recessão em 2014/2015, e o aumento das exportações, decorrente da retração do nível de atividade e progressiva melhora da taxa de câmbio.

O volume físico das exportações (em toneladas) se retraiu pelo terceiro ano consecutivo, observando variação negativa de 15,3%, superior à redução verificada em 2018. O volume importado cresceu 5,6% na comparação interanual, sendo que já havia registrado incremento de 4,1% em relação ao ano anterior. A diferença entre as vendas e compras de produtos de aço do exterior, em toneladas, subiu para 67,1 mil toneladas.

A relação valor/quantidade mostra pequena melhora no caso das exportações e estabilidade para os produtos importados.

Gráfico 30 e 31: Exportação, importação e saldo comercial
(Em Kg líquido e US\$/Kg líquido)



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior/Ministério da Economia.
Elaboração SICETEL/ABIMETAL

Em 2019, as exportações do setor alcançaram US\$ 469,3 milhões, enquanto as importações somaram US\$ 932,2 milhões (gráfico 29). Esses resultados expressam queda de 17,5% das exportações em relação ao ano anterior e de 0,8% no caso das importações.

Os produtos de aços planos transacionados com o exterior pelas associadas do SICETEL-ABIMETAL registraram, em 2019, saldo deficitário de US\$ 113,2 milhões, implicando em uma diferença negativa, em termos de volume, de 25 mil toneladas. As exportações totalizaram US\$ 38,5 milhões, enquanto as importações atingiram US\$ 151,7 milhões. Em 2019, tanto as exportações de planos, quanto as importações, realizadas pelo grupo de empresas do SICETEL-ABIMETAL permaneceram abaixo da média dos últimos 10 anos (quadro 12).

A despeito da relativa piora nas transações com o exterior, entre 2018 e 2019, os preços médios de importação de planos e das exportações se mantiveram praticamente constantes.

Quadro 12: Exportações e Importações de Aços Planos - SICETEL/ABIMETAL

Produtos Planos	2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018		2019		Média 2010 - 2019	
	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.
Exportações (US\$)	130,0	124	143,0	118	136,0	120	149,0	141	70,0	70	103,0	133	36,0	24	41,0	27	43,0	41	38,5	37	88,9	83,5
Importações (US\$)	273,0	185	287,0	156	322,0	235	275,0	184	138,0	133	159,0	115	136,0	58	151,0	69	160,0	68	151,7	62	205,3	126,5
Saldo (US\$)	-143,0	-61	-144,0	-38	-186,0	-115	-126,0	-43	-68,0	-63	-56,0	18	-100,0	-34	-110,0	-42	-117,0	-27	-113,2	-25	-116,3	-43

Elaboração SICETEL/ABIMETAL

As exportações dos produtos de longos somaram US\$ 304,1 milhões em 2019, representando 267 milhões de toneladas. Por seu turno, as importações alcançaram US\$ 495,3 milhões, com o volume de compras sendo de 280 milhões de toneladas. Em relação ao ano anterior, as exportações recuaram 10% em valor e 9% em quantidades. Já as importações apesar do desempenho negativo, foram ligeiramente melhores: queda de 6,9% em valor e de 4,7% em volume físico.

A partir dos resultados observados, nota-se que as transações com longos implicaram em um déficit comercial de 191,2 milhões em 2019 e um saldo negativo em quantum de 13 mil toneladas. Entre 2018 e 2019, os preços médios de importação de planos e das exportações se mantiveram constantes.

Quadro 13: Exportações e Importações de Aços Longos – SICETEL-ABMETAL

Produtos Longos	2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018		2019		Média 2010 - 2019	
	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.	US\$	Ton.
Exportações (US\$)	130,0	124	143,0	118	136,0	120	245,0	128	244,0	126	233,0	130	284,0	353	312,0	344	338,0	294	304,1	267	236,9	200,4
Importações (US\$)	273,0	185	287,0	156	322,0	235	611,0	345	621,0	349	480,0	274	391,0	260	407,0	250	532,0	294	495,3	280	441,9	262,8
Saldo (US\$)	-143,0	-61	-144,0	-38	-186,0	-115	-366,0	-217	-377,0	-223	-247,0	-144	-107,0	93	-95,0	94	-194,0	0	-191,2	-13	-205,0	-62

Elaboração SICETEL/ABIMETAL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[Handwritten signature]



SICETEL



ABIMETAL

Em 2019, renovaram-se as esperanças acerca da normalização da conjuntura política no país e da retomada do crescimento. Após período de recessão e de um fraco desempenho nos anos seguintes, havia a percepção de que 2019 se confirmaria como o "ano da virada". Entretanto, não foi isto que ocorreu. A nova gestão no Poder Central, orientada por um ideário liberal, e a escolha de um Congresso reformista emularam as possibilidades de que, finalmente, enfrentaríamos as transformações almejadas para o país. Excetuando-se a Reforma da Previdência, as demais propostas pouco avançaram.

Os ruídos na comunicação entre o Executivo Federal e os demais poderes da República, a ausência de uma base política homogênea e os diálogos tortuosos com expressões importantes no cenário internacional agravaram as incertezas e prejudicaram a performance da economia. O crescimento de 1,1% em 2019 frustrou previsões iniciais que apontavam para expansão de, ao menos, 2,5%. Fortemente prejudicada nos últimos anos, o PIB da indústria de transformação encolheu no primeiro ano do governo Bolsonaro, reforçando o processo de desindustrialização vigente desde meados dos anos oitenta.

O setor siderúrgico se viu sacrificado no início de 2019 devido à retaliação praticada pela União Europeia contra as medidas protecionistas adotadas pelo EUA no ano anterior. Os países do bloco europeu decidiram impor salvaguardas a 28 produtos de aço pelo período de três anos, com base em dois critérios: 1º) cota global a partir da média das importações nos últimos três anos e; 2º) cotas específicas por exportador, que podem ser penalizados com sobretaxa de 25% caso venham a ultrapassar a cota.

Não obstante ações protecionistas representem obstáculos ao livre comércio, a produção mundial de aço atingiu 1.875,0 milhão de toneladas em 2019, apresentando crescimento de 3,4% em relação ao ano anterior. Foi o quarto ano consecutivo de crescimento da produção, embora a taxas decrescentes desde 2017. Em 2019, para uma capacidade global de 2.410 milhões de toneladas, o consumo alcançou 1.889 milhões, restando cerca de 521 milhões de toneladas de capacidade adicional, respondendo a China por metade do excesso calculado.

Na América Latina, a produção de aço somou 61,0 milhões de toneladas em 2019, com retração de 1,8% frente ao ano anterior. A participação de 3,2% da produção global supera apenas as do Oriente Médio, África e Oceania. A produção dos países da América do Sul representou 74,2% do total da produção latino-americana.

O comércio internacional de produtos acabados e semiacabados de aço evoluiu positivamente entre os anos de 2010 e 2016. Nesse período, as exportações desses produtos cresceram 21,4%, atingindo 476,8 milhões de toneladas no último ano do período mencionado. A partir de 2016, por conta do declínio do crescimento mundial e da adoção de medidas protecionistas em vários países, o comércio internacional começou a refluir. Em 2019, as exportações totalizaram 437,7 milhões de toneladas.

No Brasil, as siderúrgicas locais produziram 8,0% a menos do que em 2018, alcançando 32,6 milhões de toneladas. Após dois anos consecutivos de crescimento (2017 e 2018), a produção de aço bruto voltou a encolher. Ressalte-se que no período entre 2010 e 2016 – último ano em que investimentos no setor entraram em operação, a produção de aço passou de 35,2 para 31,6 milhões de toneladas, assinalando queda de 10,2%.

As causas para retração da atividade nas usinas em 2019 se relacionam, entre outros fatores, ao moderado dinamismo da construção civil, comparado aos anos de forte crescimento (2005-2012), ao desempenho da produção de veículos, que aumentou 2,3% em 2019 contra 17,2% no ano anterior e à queda das exportações.

Quando observamos as informações decompostas por produtos de aço, notamos que, apesar da produção de bens acabados de aço ter diminuído 6,3% entre 2018 e 2019, apresentou evolução favorável nos últimos 10 anos. A fabricação de bens finais cresceu 9,7% entre 2010 a 2019, o que representou aumento médio anual de 0,93%. Comprova-se ainda que a expansão dos produtos semiacabados foi responsável, de certo modo, pelo que ocorreu na produção siderúrgica. Nos anos em tela, os semiacabados cresceram 72,1% (média anual de 5,6%, aproximadamente), o que fez a sua participação saltar de 19,9% em 2010 para 31,3% em 2019. Como notado em edições anteriores, há nítido empobrecimento do mix de produtos do setor siderúrgico. Por seu turno, enquanto a produção de laminados planos encolheu 0,34%, em média, a cada ano, a de laminados longos sofreu retração média mais forte, de 1,0% ao ano. Em comparação a 2018, os volumes produzidos de planos e longos caíram, respectivamente, 6,7% e 2,1%.

Na seara internacional, o setor siderúrgico nacional tem se mostrado historicamente superavitário, apresentando expressivo e crescente quantum no saldo das exportações de aço (em toneladas), ou quando se considera o saldo comercial em dólar. Em 2019, as exportações de produtos siderúrgicos apresentaram variação negativa de 8,2% em volumes físicos e positiva de 17,6% em dólares. No caso das importações, houve recuo de 1,7% em toneladas e de 5,6% em valor (US\$).

No tocante ao comércio exterior, o setor siderúrgico brasileiro se mostra historicamente superavitário, apresentando expressivo e crescente quantum no saldo das exportações de aço (em toneladas), ou quando se considera o saldo comercial em dólar, que atingiu US\$ 6,3 bilhões em 2018, após sucessivos anos de crescimento. Em 2019, com a diminuição do ritmo de crescimento mundial, os elevados estoques de aço bruto e os conflitos gerados pela “guerra comercial” entre EUA e China, em que se assistiu o transbordamento de ações protecionistas para outras regiões, houve retração de 9,5% da diferença entre volumes exportados e importados em toneladas e de 22,6% no superávit comercial do setor.

Em 2019, as empresas associadas ao SICETEL-ABIMETAL foram responsáveis pela transformação estimada de 3,1 milhões de aço, exprimindo crescimento de 4,2% em relação ao ano anterior e ligeiramente abaixo da expansão observada em 2018 (4,4%). Em relação a 2013, o volume processado foi 3,7% menor ao daquele ano.

A estimativa do volume de aços longos processado pelas associadas da entidade atingiu 2,4 milhões de toneladas em 2019, com crescimento de 5,0% em relação ao ano anterior. No caso dos planos, o volume processado somou 681 mil toneladas, superando em 1,6% o volume do ano anterior.

A participação estimada das associadas do SICETEL-ABIMETAL no total de aço processado em 2019 foi de 16,7%, aumentando cerca de um ponto percentual, tendo em vista que em 2018 havia sido de 15,9%. Pelas nossas estimativas, em 2019, as empresas associadas se mantiveram em boa posição entre os setores que consomem aço no Brasil.

No segmento de longos, a participação estimada do SICETEL/ABIMETAL atingiu 24,3% em 2019, com aumento de quase 1,2 p.p. em relação ao ano anterior. Em relação a 2013, houve acréscimo de 4,2 pontos percentuais. No segmento de planos, a participação foi de 5,8% em 2019, mantendo-se estável em comparação ao ano anterior.

O SICETEL-ABIMETAL consultou as suas filiadas para identificar aspectos relacionados aos volumes de aço processado e o perfil setorial de distribuição das vendas. A indústria automobilística e de autopeças (79,3%), a indústria de transformação em geral, excetuando-se o segmento automotivo (65,5%), a construção civil (44,8%), a de utilidades domésticas e comerciais (37,9%), a eletroeletrônica (34,5%) e a de motocicletas e motopeças (34,5%) lideraram o ranking dos setores atendidos pelas empresas do SICETEL/ABIMETAL.

Do total de empresas que responderam a pesquisa, 38,7% informaram que as vendas mensais, em 2019, ficaram acima de mil toneladas. Em seguida, 19,4% dos respondentes indicaram vendas entre 500 e mil toneladas. Desse modo, 58,1% das indústrias consultadas transacionaram mensalmente acima de 500 toneladas no ano passado. O percentual supera 70%, quando se leva em consideração que 16,1% negociaram volumes entre 100 e 200 toneladas/mês em 2019.

Em 2019, as exportações do setor de trefilação e laminação alcançaram US\$ 469,3 milhões, enquanto as importações somaram US\$ 932,2 milhões, com a geração de um déficit comercial de US\$ 463,0 milhões. Esses resultados expressaram queda de 17,5% para as exportações e de 0,8% no caso das importações em comparação ao ano anterior.

Em conclusão, nota-se que o setor siderúrgico nacional, assim como o de trefilação e laminação, carecem de uma retomada forte dos investimentos no país. Reorganizar o ambiente de negócios, promovendo reformas estruturais e garantindo segurança jurídica, é um passo imprescindível para que a (re)industrialização do País se torne realidade. Enfatizar esses aspectos e trabalhar para que ocorram são tarefas inadiáveis.



DIRETORIA ABIMETAL GESTÃO – 2019/2023



SICETEL



ABIMETAL

Presidente: Ricardo Martins (Grampofix Indústria e Comércio Ltda)

1.º Vice-Presidente: Mauro Isaac Aisemberg (Soma Soluções Magnéticas)

2.º Vice-Presidente: Ecidir Dias Taverneiro (Newport Steel Indústria e Comércio Ltda)

3.º Vice-Presidente: Eduardo Sampaio Ramos (Mensan Metalúrgica Ltda)

Diretor 1.º Tesoureiro: Daniele Pestelli (Fitas Indústria e Tecnologia Ltda)

Diretor 2.º Tesoureiro: Henri Cattaruzzi (ACC Indústria de Artigos para Escritório Ltda)

Diretor 1.º Secretário: Roberto Bevilacqua (Fitas de Aço MCM Ltda)

Diretor 2.º Secretário: João Henrique Martin (Jotaeme Fitafer Indústria Metalúrgica Ltda)

Diretor: Nildo Masini (Ipiranga Aços Especiais Ltda)

Diretor: Rodrigo de Almeida Prado (Morlan S/A)

Diretor: Leandro Lopes Ferreira (Siva Ind. Com. Artefatos Arame e Aço)

Diretor: Renato Alckimin Lombardi (Gerdau Aços Brasil)

Diretor: Roberto Mendes Barboza (BBGR Osasco Cabos Ltda)

Diretor: Roberto Milhomem Martins (Belgo Bekaert Arames Ltda)

Diretor: Silvio Cesar P. Di Martino (Di Martino Indústrias Metalúrgicas Ltda)

Diretor: Tell Fausto Ferrão (Cosinox)

Conselho Fiscal/Efetivo: Manuel Marcos G. Lopes (Armco do Brasil S/A)

Conselho Fiscal/Efetivo: Mauro Bandini (Comep Indústria e Comércio Ltda)

Conselho Fiscal/Efetivo: André Luiz Azevedo Guapo (Waelzholtz Brasmetal Laminação Ltda)

Conselho Fiscal/Suplente: João Carlos Minello (CNS – Central de Núcleos Siliciosos Ltda)

Conselho Fiscal/Suplente: Ângelo Martines (Sandvik Materials Technology do Brasil)

Conselho Fiscal/Suplente: Vinícius Antunes Minello (CNS – Central de Núcleos Siliciosos Ltda)

RELAÇÃO DE EMPRESAS ASSOCIADAS

Relação de Empresas Associadas

A Bronzinox Telas Metálicas e Sintéticas Ltda.
ACC Indústria de Artigos p/ Escritório S/A
Aços Inbrafer Ltda.
ACZ Inox Comercial Ltda.
American Micro Steel Ltda.
ArcelorMittal Brasil S/A
Armco do Brasil S/A
Bacchi Indústria e Comércio Ltda.
Bardella S/A Indústrias Mecânicas
Belgo Bekaert Arames Ltda.
BMB - Belgo Mineira Bekaert Artefatos de Arame
BBRG Osasco Cabos Ltda.
CNS - Central de Núcleos Siliciosos Ltda.
COMEP Indústria e Comércio Ltda.
Cosinox Indústria e Comércio Ltda.
Di Martino Indústrias Metalúrgicas Ltda.
DMV Brasil Indústria e Comércio Ltda.
EBF Vaz Indústria e Comércio Ltda.
Eletro Luminar Indústria e Comércio Ltda.
Embraço Empresa Brasileira de Aço Ltda.
Engemet Metalurgia e Comércio Ltda.
Esab Indústria e Comércio Ltda.
Fábrica de Pregos Triângulo Ltda.
Fitas de Aço MCM Ltda.

Fitas Indústria e Tecnologia S/A
Gerdau S/A
Giusti E Cia Ltda.
Grampofix Indústria e Comércio Ltda.
Harsco Metals Ltda.
Iara Indústria e Comércio Ltda.
Inal - Indústria Nacional de Aramifício Ltda.
Incotela Indústria e Comércio de Telas de Arame Ltda.
Indústria Metalúrgica Multiart Ltda.
Indústrias de Arame Paracambi Ltda.
Ipiranga Aços Especiais S/A
Jotaeme Fitafer Indústria Metalúrgica Ltda.
LRW Produtos Siderúrgicos Ltda.
Maccaferri Gabiões do Brasil Ltda.
Metal Wire Metalúrgica Ltda.
Metaltela Tecidos Metálicos Ltda.
Metalúrgica Golim S/A
Metalúrgica Nhozinho Ltda.
Metisa - Metalúrgica Timboense S/A
Monteferro América Latina Ltda.
Morlan S/A
Morsing Cabos de Aço Ltda.
Newport Steel Indústria e Comércio Ltda.
Novametal do Brasil Ltda.
O.V.D. Importadora e Distribuidora Ltda.

Retinox Importação e Exportação de Aços Inoxidáveis Ltda.
Sandinox Comércio Importação e Exportação Ltda.
Sandvik do Brasil S/A Indústria e Comércio
Serralgodão Comércio e Indústria Ltda.
Siderúrgica São Joaquim S/A
Signode Brasileira Ltda.
SIVA - Indústria e Comércio de Artefatos de Arame e Aço Ltda.
Soma Soluções Magnéticas
Superfine Steel Aços Inoxidáveis Ltda.
TCA - Tubos e Conexões de Aço Ltda.
Teciam Telas e Tecidos Metálicos Ltda.
Tessin Indústria e Comércio Ltda.
Trefilação Aço Rag Ltda.
Usina Metais Ltda.
Villares Metals
Waelzholz Brasmetal Laminação Ltda.
Zampese Máquinas Ltda.